



NATHÁLIA
SANTIAGO



NEM TODOS
MERECEM UM

Final Feliz

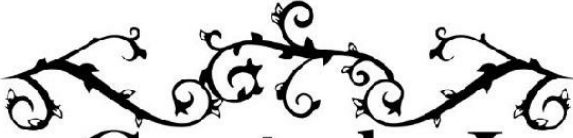


NEM TODOS MERECEM UM *Final Feliz*



Copyright © **2019** Nathália Santiago
Todos os direitos reservados.

Design da capa: Nathália Santiago



Capítulo I

Hoje o dia estava extremamente frio. A ponta do meu nariz era como uma pedra de gelo e eu adorava esse clima. Por quê? Bem, algo me atraía no inverno e nós tínhamos muito em comum, principalmente a parte da frieza.

Eu trabalho como designer em uma empresa de publicidade e design chamada Corporação Fischer, ou como muitos chamam, F-Corp, e eu amava o meu trabalho, apesar de não gostar de algumas pessoas lá dentro.

Enquanto olhava a chuva estridente que caía na cidade, via pela janela da minha sala a nevoa encobrendo os prédios e o cinza das nuvens despertava algo em mim. Tomava um pouco de café, observando tudo aquilo, quando a minha secretária entrou na sala.

— Senhorita Vasconcelos? – ela disse com a voz tremula, colocando só a cabeça para dentro da sala.

— Sim. –olhei em sua direção.

— O Sr. Fischer está na sala de reuniões e quer falar com a senhora.

— Sabe do que se trata?

— Hum... Não. Ele só chamou a senhorita e a Luiza Alencar.

— Tudo bem. Pode sair.

Cristina fez que sim com a cabeça, balançando junto os seus cachos meio avermelhados e saiu com pressa da sala.

A minha secretária sempre evitava manter contato visual comigo. Ela tinha 56 anos, idade para ser a minha mãe, mas ainda assim parecia ter medo de mim. Eu gostava disso.

Sai da minha sala e fui para o elevador, indo para a reunião. Enquanto colocava os fios negros e curtos do meu cabelo no lugar, percebi uma mulher loira e delicada se aproximando.

— Segura a porta, por favor! – ela gritou de longe.

Permaneci imóvel.

Quando achava que subiria sossegada, ela passou pela porta no último segundo.

— Foi por pouco. – ela falou ofegante, deixando escapar uma risada sem jeito.

Revirei os olhos, arrumando o meu batom.

— Pois é... – fingi ser sociável.

— Sabe o porquê do Oscar nos chamar?

— Não faço a mínima ideia.

— Espero que não seja nada grave.

— Uhum.

Estava rezando para que ela parasse de falar, quando, finalmente, chegamos no vigésimo quarto andar. Sai na frente para a sala de reuniões e dei de cara com o nosso chefe, Oscar, sentado em sua cadeira, na ponta da mesa, pleno e concentrado, ostentando os seus cabelos brancos que vieram com tanto esforço por construir esta empresa. Mais atrás a sua direita, um rapaz aparentando estar quase na casa dos trinta anos, cabelo loiro queimado, olhos castanhos escuros, alto, ombros largos... eu diria bonito, mas nem tanto; nos olhava ansioso.

— Podem sentar, meninas. – Oscar disse.

— Só somos nós? – perguntei.

— Sim.

Eu então me sentei do lado esquerdo da mesa e Luiza do lado contrário.

— Vou ser bem direto ao ponto. Mariana e Luiza, como sabem, eu venho sendo o diretor de arte dessa empresa durante muitos anos. Vocês também têm noção que essa empresa cresceu muito e continua crescendo e isso me impossibilita de cuidar da parte administrativa e criativa ao mesmo tempo. Por isso quero promover uma de vocês duas. São as melhores profissionais desse prédio e as que mais confio. Vocês aceitariam este desafio?

Algo dentro de mim queria explodir. Era uma chance única de crescer no meu trabalho e também, por que não, de puxar a orelha dos funcionários.

— Isso seria incrível, Oscar. Não sabe o quanto esperei por isso. - falei.

— Seria uma honra. - Luiza disse. — Sei que é um cargo de muita responsabilidade e não importa quem vai escolher, será uma honra do mesmo jeito.

Revirei os olhos. Como ela podia ser tão entediante em apenas uma frase?

— Como vai escolher uma de nós?

— Quero propor um desafio a vocês. Amanhã, um cliente virá aqui. Ele quer

repaginar a empresa dele e criar uma nova submarca. O que eu proponho é o seguinte. Amanhã, as duas vão participar da reunião e ouvir o que ele quer para dar uma cara nova a marca. Depois disso, cada uma irá formar uma equipe e fará o rebranding da marca. O cliente irá analisar o trabalho das duas e a que ele escolher, continua com o projeto, agora fazendo a submarca e é a partir disso que irei tomar a minha decisão.

— E quem é o cliente? - Luiza perguntou.

— Isso vocês só descobrirão amanhã.

— Está falando sério, Oscar? Vai me matar de curiosidade. - falei sério.

Ele deu uma risada rouca.

— Acho isso uma ótima ideia.

— Bem, então acho bom eu começar a pensar na minha equipe. - Luiza disse, se afastando da mesa para levantar.

— Façam isso. E antes que eu me esqueça, tem mais uma coisa. Esse é Lucas Muniz. - ele apontou para o rapaz atrás dele, que a propósito eu já havia esquecido da existência naquela sala. — Ele é o nosso novo estagiário. O que precisarem, podem contar com a ajuda dele.

O rapaz loiro se aproximou da mesa.

— É um prazer conhece-las.

— Seja bem-vindo, Lucas. - Luiza disse sorrindo.

— Obrigado.

Um instante de silêncio tomou conta da sala, até que me dei conta que era por minha causa.

— Oh! Claro. Hum... Seja bem-vindo.

— Obrigado.

— Então é isso meninas. Já podem ir e Lucas também. Seu trabalho começa hoje.

Levantamos e enquanto íamos até a porta, Oscar tocou o meu ombro, me parando por um segundo.

— Conto com você.

— Pode deixar.

Por mais que Oscar fosse o meu chefe, eu tinha nele a figura masculina que nunca tive a oportunidade de ver na minha casa. Era o homem poderoso, centrado e admirável que sempre quis ter como pai.

Segui para o elevador e a menos de alguns passos, a porta começou a se fechar. O estagiário segurou para que eu entrasse. O elevador estava

tomado pelo aroma de um perfume que parecia ser amadeirado, com talvez algumas notas de sândalo, deixando um cheiro de sofisticação e leveza ao mesmo tempo.

— Então. - ele pigarreou. — Por onde eu começo? Acho que estou um pouco perdido.

— Você vai conseguir. - Luiza logo disse. — O que precisar, pode contar comigo. Nós somos suas superiores, mas pode contar conosco para o que precisar.

— Fale por você! - pensei.

A porta do elevador se abriu novamente e logo sai, tentando me afastar daquele clima amistoso. Enquanto passava pela mesa de Cristina, ela me seguiu.

— Senhorita. - ela entrou em minha sala, logo atrás de mim. — O porteiro do seu prédio ligou para dizer que a sua encomenda chegou.

— Avisou para ele colocar na porta dos fundos?

— Sim e também disse que era frágil e para ele tomar cuidado.

— Ótimo, Cristina.

— Também tem mais um recado. É da sua irmã.

— Já disse que não quero receber recados da Paula. - minha voz se alterou um pouco, fazendo com que a minha secretária se assustasse.

— Bem, eu achei importante e que talvez quisesse saber do que se trata, por isso anotei o recado.

Cristina me estendeu um papelzinho azul e eu por minha vez, tomei-o de sua mão, fazendo uma bolinha e jogando no lixo.

— Ainda não entendeu o que falei? Nada de recados da Paula ou de outra pessoa ligada a ela. Nada! Entendeu agora, senhora Brito?

Ela apenas fez que sim com a cabeça e saiu com cara de pavor da minha sala. Não tinha percebido, mas olhares de curiosidade do lado de fora estavam sendo lançados a mim. Talvez eu tivesse falado um pouco alto.

— O quê? Vocês não têm nada para fazer? - falei irritada, batendo a porta.



Assim que cheguei no meu apartamento, fui direto na porta dos fundos, pegar a encomenda. A caixa era um pouco pesada, mas ainda assim consegui levá-la até o balcão na cozinha.

— Como eu estava precisando de você. - suspirei, tirando uma das garrafas de vinho de dentro da caixa.

Tirei os saltos e me servi uma taça.

Todos os dias depois do trabalho, eu gostava de tomar um pouco de vinho, escutar música clássica e olhar a cidade da sacada do meu apartamento e foi exatamente o que fiz hoje. Talvez tudo isso fosse um pouco solitário e melancólico, mas, de certa forma, algo dentro desses sentimentos me trazia força e era exatamente daquilo que eu precisava. Ser forte e me mostrar superior a tudo e a todos.



Capítulo II

Mais um dia de trabalho e assim que cheguei, percebi o olhar de todos sobre mim, assim como em todos os dias. As pessoas daquele escritório tinham um certo receio de mim, até me chamavam de Rainha Má pelos corredores. O que eles não imaginavam era que eu sabia sobre o apelido. Mas sabe eu até gostava dele? Combinava comigo.

Passei pela mesa de Cristina e ela logo se levantou, me passando toda a minha agenda do dia.

— Você já imprimiu a lista da equipe que quero trabalhando comigo no projeto do Oscar?

— Ainda não, senhorita Vasconcelos.

Bufei.

— Mande para a impressora, Cristina. Deixa que eu pego, porque se eu for esperar por você...

— Tudo bem.

Chegando perto da máquina, vi que o estagiário estava lá organizando alguns papéis.

— Ei, Luiz. A Cristina vai mandar uma lista aí. Tira pra mim.

O rapaz permaneceu fazendo o mesmo de antes.

— Ei!

Ele virou-se na minha direção.

— Estava falando comigo?

— Estava não, estou. Só tem nós dois aqui, Luiz e eu não sou louca para estar falando sozinha.

— Claro, desculpe... Mas é que o meu nome não é Luiz. É Lucas.

Olhei surpresa para ele por um instante. Ninguém naquele escritório teria a menor coragem de me corrigir daquela forma.

— Ok. Tanto faz. Quero essa lista na minha sala em cinco minutos.

— Mas é que eu tenho que...

— Cinco minutos.

Dei as costas para ele e fui até a minha sala. Entrando lá, vi que o meu

cappuccino já estava na mesa, do jeito que eu gostava. Bastante café, pouco leite, nem muito nem pouco açúcar. No ponto certo. Cristina realmente sabia dos meus gostos. Tinha que admitir, ela era uma excelente secretária.

Às nove e meia em ponto começaria a reunião com o cliente misterioso, então tratei de subir logo para a sala de reuniões e assim que abri a minha porta da minha sala para sair, esbarrei com o estagiário e acabei levando um susto.

— Meu Deus! Você não olha por onde anda?!

— Desculpe. Aqui está a lista.

— Claro, já tinha esquecido. - arranquei o papel da sua mão.

Ele continuou parado na minha frente.

— O quê? - perguntei.

— Hum... Só pensei que você talvez fosse dizer um obrig...

— Um o quê?

O estagiário me encarou por um segundo, talvez se perguntando se eu realmente o agradeceria.

— Nada. Não ia dizer nada. Com licença. - ele saiu apressado.

Acho que ele estava começando a entender com quem estava lidando.

Na sala de reuniões, encontrei Oscar perambulando pelo corredor.

— O que faz aí?

— Esperando o nosso cliente. Ele já está subindo.

Olhei para o elevador, que estava no vigésimo andar e subindo. Ao chegar no nosso, as portas se abriram e de dentro saiu um homem extremamente charmoso, olhos verdes, elegante e... Eu já disse charmoso? Ele veio até nós, abotoando o seu blazer e sorrindo.

— Oscar! - eles se cumprimentaram com um aperto de mãos.

— Olá, Bernardo.

— É muito bom revê-lo.

— Digo o mesmo.

Ele finalmente me olhou.

— Olá. Eu sou Bernardo...

— Montaleone. Claro! Quem não conhece o dono de umas das maiores marcas de relógios do país?

— É o que dizem por aí... - ele riu.

— Não seja modesto. Meu nome é Mariana Vasconcelos e é um prazer conhecê-lo.

— O prazer é todo meu.

O barulho da porta do elevador tirou nossa atenção. Luiza saía de dentro dele, um pouco atrapalhada com alguns papéis nas mãos.

— Desculpem pelo atraso. Eu... - ao ver Bernardo, ela se surpreendeu.

— Olá. - ele disse.

— Oi. - ela se aproximou.

— Bernardo Montaleone. - ele estendeu a mão.

— Luiza... Luiza Alencar.

Eles então trocaram um longo olhar. Pigarreei, tentando interromper o clima que estava se formando ali.

— Vamos começar?

Todos nós fomos para a sala de reuniões e nos acomodamos.

— Bem, meninas, como já perceberam, Bernardo Montaleone é o nosso cliente e ele quer dar uma cara nova a sua empresa.

— Isso, Oscar. Desde que começamos, a Montaleone tem sempre a mesma logo e eu gostaria de mudar um pouco a identidade dela.

— E o que gostaria de ajustar na sua marca? - perguntei.

— Hum... - ele passou a mão pelo queixo, pensando. Céus... Que homem era aquele?! — Gostaria de algo mais moderno e inovador. Não sei se o Oscar já comentou com vocês, mas pretendo lançar uma nova linha de relógio em breve e envolve isso, inovação e tecnologia. Essa será a nossa linha de trabalho daqui por diante. Inovação.

— Eu acho que será bem interessante.

— É. Acho que para nós também será inovador. - Luiza disse.

Eles se olharam novamente e aquilo começou a me incomodar.



A reunião acabou durando algumas horas e agora estávamos nos despedindo de Bernardo.

— Foi um prazer tê-lo aqui, Sr. Montaleone.

— Ah, por favor. Me chame de Bernardo. Me sinto velho quando me chamam de senhor.

Nós rimos.

— Claro. Bernardo. - o olhei firme.

Ele pareceu um pouco envolvido, mas logo se direcionou a Luiza.

— Até mais. - ele abriu um sorriso largo.

— Até.

Bernardo seguiu até o elevador, indo embora.

— Então, garotas, o que acharam?

— É maravilhoso, Oscar. - falei entusiasmada.

— Sem dúvida nenhuma, vai ser um dos nossos maiores desafios. - Luiza completou.

— Isso é bom. Os profissionais crescem a partir dos desafios. Como viram, ele mencionou a nova linha de relógios, mas agora vocês vão focar na marca, ok? E ele não sabe que a escolha dele vai dizer quem segue com o projeto.

— Tudo bem.

— Já escolheram suas equipes?

— Sim. - entreguei o papel com a lista e Luiza fez o mesmo.

— Ótimo. Podem ir e começar os seus trabalhos.

Quando voltei à minha sala, percebi que estava andando de um lado para o outro. Eu precisava ganhar essa promoção de todo o jeito. Aquele cargo tinha que ser meu, sem contar com aqueles olhares entre Bernardo e Luiza que me incomodaram profundamente e, nesses dois casos, uma única pessoa poderia me atrapalhar. Luiza. E eu precisava fazer algo para ela sair da jogada.

Minha cabeça fervia em pensamentos quando abri a porta e resmunguei com a minha secretária.

— Cristina, preciso de uma analgésico. Agora!

— Sim, senhora. - ela saiu correndo atrás de algo que passasse a minha dor.

Prestes a entrar de volta para a minha sala, vi o estagiário saindo da sala de Luiza com alguns papéis. Provavelmente ela tinha pedido algo a ele e isso me deu uma ideia.

— Psiu... Luiz! Ei!

Ele percebeu que eu o chamava.

— Vem aqui.

Ele colocou os papéis em cima da sua mesa no final do corredor e veio até minha sala. O puxei para dentro, fechando a porta atrás de mim.

— Quero que faça uma coisa para mim.

— Pode dizer.

— Bem... - me sentei em minha cadeira. — Quero que faça um serviço para mim. Você é a única pessoa aqui que entra e sai de todas as salas sem que ninguém questione. Por isso quero que você me ajude a espionar tudo o que a

Luiza está fazendo para o novo projeto da Montaleone e com mais algumas outras coisinhas e de quebra, você vai ter uma mesa melhor no escritório e pode até ganhar uma noite especial com Luiza. - revirei os olhos em tédio com a última parte. — Então, o que me diz?

— Eu não vou fazer isso.

— Isso é ótimo. Então nós... Espera. O que disse?

— Não vou fazer isso.

— Querido Luiz, sou a sua chefe, sabia? - levantei.

— Primeiro, meu nome é Lucas. Segundo, o que está me pedindo não tem relação nenhuma com trabalho e seria antiético da minha parte.

Me surpreendi com a sua ousadia. Tinha sido um erro falar dos meus planos para um estagiário, mas agora já era tarde e eu precisava ir até o fim daquilo tudo.

— Senta aí. - apontei para a cadeira em frente à minha mesa.

— Eu estou bem, obrigado. - ele disse, impertinente.

— Senta!

Ele me olhou por um segundo, mas fez o que eu disse. Me sentei em cima da mesa, bem em frente a ele.

— Ok, Luiz. Acho que não fui muito clara. Eu sou a sua superior e você tem a obrigação de fazer o que eu mandar. E você está certo, é um trabalho extra, mas ainda é relacionado ao ambiente de trabalho e se ainda não estiver convencido, eu posso te dar duas opções. Primeira. - levantei. — Você me ajuda e continua com o seu emprego em uma das maiores agências de publicidade e design do país, tendo a oportunidade de ainda crescer muito profissionalmente ou segundo. - me aproximei por trás dele, falando perto do seu ouvido. — Você não me ajuda e eu te demito. Eu faço a sua caveira para toda e qualquer agência de publicidade e design desse país e você nunca mais volta a trabalhar com isso. A escolha é sua.

Voltei para a mesa, sorrindo. Já o estagiário não parecia muito feliz.

— E se eu disser ao Oscar o que você planeja?

— Bem, você não tem provas contra mim e eu trabalho a muito mais tempo aqui do que você. Em quem acha que o Oscar vai acreditar?

Ele pareceu pensativo, passando a mão pelo cabelo.

— Vamos lá, são duas opções. Quer saber, vou ser bem generosa com você. Tem até amanhã para me dar uma resposta. Mas se eu fosse você, não pensaria muito... Porém, a escolha é sua.

— Minha... - um sorriso irônico escapou de sua boca.

— Totalmente sua.

— Senhorita Vasconcelos? - Cristina entrou na sala. — Aqui o seu analgésico.

Ela me entregou dois copos descartáveis, um com comprimidos e outro com água, indo embora em seguida.

— Acho que já terminamos essa conversa. Já pode sair.

O rapaz se levantou, indo até a porta, mas hesitou por uns segundos me olhando. Não abaixei a cabeça e levantei uma das sobrancelhas, mostrando um olhar firme. Ele desviou o seu, indo embora.

Ao fechar a porta tomei os analgésicos e logo comecei a me sentir melhor. Meus problemas com certeza iriam se resolver, fosse por bem ou por mal.



Capítulo III

Passava pela entrada do edifício onde ficava a F-Corp, indo para os elevadores que não tinham ninguém, do jeito que eu gostava, e ao entrar fui surpreendida por alguém irrompendo com as portas prestes a fechar.

— Quer me matar de susto? – reclamei com o estagiário.

— Desculpe. Me atrasei hoje. - ele parecia ofegante, arrumando os fios do cabelo bagunçados. — Mas então, pensei sobre a sua proposta e...

— Aqui não! Está louco?! – depois de uma longa subida, as portas se abriram no vigésimo segundo andar. — Venha até a minha sala.

Passamos pelo corredor e Cristina nos seguiu.

— Senhorita Vasconcelos...

Levantei a mão, interrompendo-a.

— Agora não, Cristina. Depois.

Entramos na sala e logo coloquei minha bolsa na mesa e tirei o casaco.

— Então...

— Ok. Tomei uma decisão e eu vou ajudar você, já que não me deu outra escolha...

— Eu te dei duas e você tomou a decisão certa. Você é um rapaz esperto, Luiz.

— Mas eu gostaria que fizéssemos um acordo.

— Acordo? Ainda acha que está em posição de pedir algo?

— Hum... Sim. - ele colocou as mãos no bolso da calça.

Revirei os olhos, bufando.

— Tá. O que você quer?

— Bem, só quero que me chame de Lucas.

— Essa é a sua única exigência?

— Sim.

— Ok então. - falei, indiferente.

— O que quer que eu faça?

— Sua primeira missão é... - peguei algo na minha bolsa, o entregando. —

Isso é um minichip que coleta dados de computadores.

— Vai hackear o computador da Luiza?

— É. Quero que coloque isso no notebook pessoal dela. Se bem a conheço... - revirei os olhos, entediada. — Ela vai fazer esse projeto nele.

— E como eu vou colocar isso lá?

— Ué, isso é problema seu.

Lucas então me olhou confuso.

— Então é isso? Eu te ajudo e você não me ajuda?

Sentei em minha cadeira, girando nela.

— Acho que finalmente entendeu. Mas pode ficar tranquilo. Talvez você tenha um prêmio de consolação no final de tudo isso.

— E o que seria...?

— Um encontro com a Luiza. – falei em tom de desprezo.

— Mas eu não quero nada com ela.

Parei de girar, olhando-o.

— E por que não? Todos os homens desse escritório babam por ela, e eu não faço a menor ideia do porquê. Ela é tão... sem graça.

— Eu não sei... Acho que não sou o tipo de pessoa que se aproveita dos outros.

— Sei...

— Ok. - ele riu. — Como conseguiu esse negócio?

— E importa? Agora vai embora. Já ficamos muito tempo aqui. As pessoas podem começar a desconfiar de algo.

— Tudo bem. Então lá vou eu... Hackear um notebook... Sem nem ao menos saber como fazer isso...

— Vai logo.

Quando Lucas saiu da sala, me peguei rindo. Era tão deliciosa a sensação de saber que eu estaria um passo à frente daquela... Daquela mulher.

Uma batida na porta me fez parar.

— Pode entrar.

— Senhorita Vasconcelos, a sua agenda de hoje...

— Entra aqui, Cristina.

Ela se aproximou, receosa.

— Pode dizer.

— Hoje a senhora tem que reunir a sua equipe e começar a desenvolver o rebranding da marca com eles.

— Claro. E Cristina... Você sabe se a Luiza vai fazer isso hoje também?

— Sim. A secretária dela me disse que a Luiza vai para a sala de reuniões do vigésimo terceiro andar daqui a pouco com toda a equipe.

— Isso é bom... Então peça a todos, daquela lista que eu mandei para você, que vá para a sala do vigésimo andar. O quanto mais longe daquela mulher melhor...

— Certo.

— Algum recado para mim?

— Hum... Não. A não ser aquele que a senhora nunca quer saber.

— Não quero mesmo. Então já pode ir.

Também sai da minha sala e procurei por Lucas. Ele estava perto das impressoras, mexendo em alguns papéis, mas de olho na sala de Luiza.

— Você não sabe disfarçar muito bem. - disse ao me aproximar dele, fingindo procurar por algo nos armários.

— Desculpe, mas não sou um espião profissional. - ele disse, ríspido.

Ele realmente era abusado.

— A Luiza irá sair daqui a pouco para o vigésimo terceiro andar. Assim que isso acontecer, você entra na sala dela, fingindo estar levando alguns documentos e coloca o minichip dentro do notebook.

— Dentro? Não tenho ferramentas para isso.

Revirei os olhos.

— Dentro desse armário, atrás de você, tem uma caixa de ferramentas. Pegue uma e esconda.

— Ok. - senti ele um pouco nervoso.

— E não seja pego.

Ele me olhou por um instante, inclinando um pouco a cabeça.

— Está ajudando muito, sabia? - falou, irônico.

Voltei à minha sala, ficando à espreita na janela, esperando que Luiza passasse. Não demorou muito para acontecer, então esperei que as portas do elevador se fechassem e coloquei o corpo para fora da minha sala. Lucas estava do outro lado do escritório, olhando para mim. Acenei com a cabeça para que ele prosseguisse com o plano.

Enquanto ele se aproximava da sala, fui até o elevador, descendo para a minha reunião.



Depois de horas passando o projeto e discutindo ideias, encerrei a

reunião.

— Então é isso, pessoal. Tragam ideias concretas amanhã para decidirmos mais algumas coisas e isso é sem falta. Já podem ir.

Enquanto recolhia as minhas coisas da mesa, vi Oscar se aproximando.

— Está a muito tempo aí? – perguntei.

— Não muito. Só passei para olhar como estão se saindo.

— E...?

— Tenho que admitir, você é uma ótima líder.

— Obrigada, chefe. - sorri.

— Bem, eu já estou indo. A minha esposa decidiu preparar o jantar hoje. Tenho que prestigiá-la. - ele riu.

— E o seu filho, ainda está fora do país?

— Hum... Não. Ele terminou os estudos esse mês.

— E virá para a F-Corp?

— Com certeza. Ele é o meu herdeiro, precisa conhecer bem a empresa que vai comandar um dia.

— Estou ansiosa para conhecê-lo.

— E irá. Agora eu tenho que ir. Boa noite, Mariana.

— Boa noite.

Subi até a minha sala para pegar as minhas coisas e vi Lucas e a minha secretária gargalhando. Ela parou assim que me viu.

— Eu só estava esperando a senhora para ir embora.

— Pode ir então, Cristina.

— Tudo bem. - ela juntou suas coisas. — Tchau, garoto.

— Tchau, senhora Brito.

— Boa noite, senhorita Vasconcelos.

— Tchau, Cristina. - falei alheia, entrando na minha sala.

Percebi que Lucas me seguiu.

— Senhorita... - ele riu. — Não sei o porquê de as pessoas falarem isso. É um termo engraçado.

— Isso se chama respeito ao seu superior. Coisa que você deveria aprender a ter.

— Mas eu tenho muito respeito. Só que respeito é diferente de medo. Porém, se quiser que eu te chame de senhorita... Eu chamo, senhorita Vasconcelos.

Lancei um olhar duro a ele, que não pareceu se importar.

— A senhora Brito é realmente uma pessoa muito legal. Ela me disse que as

pessoas te chamam de Rainha Má. Sabia disso? - ele ria, pegando uma esfera de mármore que tinha em cima da minha mesa e observando-a.

Bufei, tomando da sua mão e colocando de volta no lugar.

— Sim, eu sabia. Vai contar o que veio fazer aqui ou vai continuar me desafiando e zombando da minha cara?

— Desculpe, não quis te ofender. Mas então, eu consegui colocar o seu chip lá.

— Isso é ótimo. Finalmente fez algo produtivo. - tirei o meu notebook de dentro da bolsa para ver se o chip funcionava.

— Por que vocês não usam os computadores daqui para trabalhar?

— Porque esses computadores são propriedade da empresa e isso... Bem, isso não é um trabalho oficial.

— Entendi. - ele se aproximou de mim, olhando também o notebook. — Mas o da Luiza é trabalho. Por que ela não faz lá?

— Porque é um projeto importante e ela gosta de ter o controle e mobilidade sobre esses projetos o tempo todo, por isso usa o computador pessoal.

— Sei... E como sabe disso?

Olhei para Lucas e percebi que estava perto até demais de mim. Fechei o notebook e me afastei.

— Não importa. Pelo menos não para você. Agora vamos embora. Só eu e você estamos nesse andar. As pessoas podem começar a...

— Desconfiar. Eu já entendi.

— Então vamos logo.

Saí da sala, indo para o elevador. Ao entrarmos, Lucas pareceu inquieto, então começou a falar.

— Acho que deveríamos encontrar outro lugar para as nossas... reuniões, se assim posso dizer.

— Acho melhor não.

— Mas e se houverem escutas na sua sala. Já pensou nessa possibilidade?

— Não, porque ela não existe.

— Tem certeza? Não tem como saber...

— E o que sugere? - perguntei, impaciente.

— Conheço um bar aqui perto...

— Espera um pouco. - o interrompi. — Não está querendo me embebedar, está? Que fique bem claro, nunca irá acontecer algo entre nós.

— Claro que não. - ele meio que riu e bufou ao mesmo tempo. — Por que eu iria querer algo com você?

Me virei em sua direção, semicerrando os olhos, intrigada.

— E por que não?

— Porque... não. E você mesmo acabou de dizer que nunca irá acontecer alguma coisa entre nós.

— E não vai mesmo.

As portas se abriram.

— Até amanhã, Sr. Muniz.

— E sobre o bar?

— Vou pensar sobre essa possibilidade. - saí apressada do elevador, o deixando sozinho lá.



Capítulo IV

Em um quarto escuro, eu via uma menina, com aparentemente onze anos, completamente assustada. Ela segurava um urso roxo e o abraçava com toda força, sentada no chão, o mais encolhida que podia. Me aproximei dela e tentei segurar sua mão. Ela recuou, escondendo o rosto no urso e chorando.

— Tudo bem. Não precisa ter medo, ok? Eu não vou te machucar. - falei.

Ela voltou a me olhar e os seus olhinhos desesperados pareciam suplicar por ajuda. A menina então estendeu a mão, segurando a minha o mais forte possível. Sentei ao seu lado, abraçando-a.

— Vai ficar tudo bem.

Acariciava seu cabelo, quando começamos a ouvir barulhos estrondosos de fora do quarto. Pareciam pessoas gritando e vidros sendo quebrados.

— Ela está vindo, está vindo. – a menina soluçava, com as mãos no ouvido, ainda abraçada ao urso.

— Quem está vindo?

— Por favor, não a deixe entrar. Eu tenho medo.

A porta então se abriu de uma forma violenta e uma mulher completamente desfigurada passou por ela, se aproximando de nós.

— Não, por favor. Não! – a menina gritava ao meu lado.

Mesmo com medo, me coloquei em sua frente, tentando defendê-la.

— Não vou deixar que faça nada contra ela.

A mulher segurou meus braços com força, me jogando de lado no chão. Ela então pegou a garotinha e levou para fora do quarto. Tentei correr atrás delas, mas ao chegar na porta, percebi que estava trancada. Chutava e tentava abrir a porta de todas as formas, até perceber que minhas mãos sangravam.

Comecei a escutar a garotinha gritando e um sentimento desesperador tomou conta de mim. Eu precisava salvá-la. Precisava salvá-la de todo jeito e mesmo com as mãos machucadas, insistia em tentar a abrir a porta. Os gritos da menina eram cada vez mais altos e ensurdecadores. Coloquei as mãos nos

ouvidos, tentando não os escutar e um choro copioso começou a sair de mim.

Eu começava a me engasgar com minhas próprias lágrimas e a ficar sufocada, quando acordei em um sobressalto na minha cama. Minha respiração estava ofegante e ao ver que tudo não passava de um pesadelo, fui me acalmando aos poucos. Quase todas as noites eu tinha esse mesmo sonho e em todas as vezes, nunca conseguia salvar a garotinha.

Senti toda a tensão indo embora do meu corpo e suspirei em seguida. Mas algo dentro de mim ainda me inquietava, por isso comecei a chorar novamente, mas dessa vez por fraqueza. Durante todos esses anos, algo dentro de mim havia mudado. Eu não era mais a mesma mulher há muitos anos. Agora eu era algo totalmente diferente e isso me assustava as vezes, mas também me dava uma sensação de força e poder. Mas esse maldito pesadelo sempre fazia com que eu me sentisse impotente e frágil, assim como eu era antes. Odiava me sentir assim.

Já era dia, por isso levantei e fui tomar uma ducha. Eu tentava me concentrar e entender que era apenas um sonho e que já tinha passado. Eu agora era uma mulher forte e poderosa. Nada podia me abater.



No trabalho, enquanto esperava para ir ao vigésimo andar, as portas do elevador ao lado se abriram, saindo alguém de lá.

— Bernardo! – falei animada.

— Mariana. Como está?

— Bem e você?

— Também.

— O que faz aqui?

— Vim ver como estão as coisas. – ele sorriu.

— Estou progredindo bastante no meu projeto. Estava indo agora me reunir com a minha equipe. Se quiser, pode me acompanhar.

— Eu adoraria.

De repente o seu olhar passou de mim para o final do escritório. Luiza estava na mesa da sua secretária, rindo junto a ela. Percebi um sorriso se formando no canto da boca de Bernardo. Precisava fazer algo para chamar sua atenção e tinha que ser logo.

— Ai! - falei, fingindo sentir dor.

— O que houve? Você está bem? - ele perguntou, preocupado.

— Sim, mas acho que dei um jeito no pé.

— É grave?
— Acredito que não, mas está doendo.
— Quer ir para a sua sala?
— Não. – me apressei em dizer. — Preciso descer para a reunião. Pode me ajudar?
— Claro.

Assim que o elevador chegou, Bernardo me ajudou a entrar e me levou até a sala de reunião. Não havia ninguém lá ainda. Ao sentar à mesa, Bernardo agachou bem na minha frente, analisando o meu pé. Sentir os seus dedos na minha pele me causou um pequeno arrepio.

— Tem certeza que está bem? Não quer ir ao hospital?
— Não. Obrigada pela preocupação, mas já estou melhor.
— Isso é bom. Então... se me der licença, preciso ir.
— Mas já? Pensei que ficaria para ver o projeto.
— Eu sei, mas preciso resolver um assunto pendente lá em cima. Prometo que voltarei aqui e verei tudo que você e a sua equipe fizeram. Tudo bem?
— Claro.
— Até daqui a pouco.

Enquanto Bernardo saía, eu pensava no tal assunto pendente. Com certeza era Luiza e só por imaginar os dois trocando sorrisos animados e até mesmo flertes, comecei a sentir algo. Talvez fosse inveja de Luiza ter chamado mais atenção de Bernardo do que eu. Na verdade, com certeza era inveja e eu nunca havia sentido tanta inveja, nem podia imaginar que aquele sentimento pudesse provocar tanto ódio dentro de mim.

Sentada a mesa, enquanto toda a minha equipe começava a chegar e a se acomodar em seus lugares, senti como se tivesse saído do ar. Era como se o mundo ao meu redor não existisse, mas sim apenas os meus pensamentos concentrados na minha raiva infinita por Luiza.

— Mariana? – alguém me chamou.
— Hum? – falei, tentando prestar atenção.
— Ouviu o que falamos?
— Não. Repita.

Todos se entreolharam e alguém começou a falar.
— Nós estávamos pensando em fazer algo relacionado ao tempo e acrescentar algum elemento de velocidade.
— Pessoal. – levantei uma das mãos, pedindo para que parecem de falar. —

Não estou com cabeça de decidir nada agora. Prossigam com o projeto e amanhã nós continuamos a reunião e eu vejo se aprovo ou não. Ok?

— Ok... – eles me olharam confusos.

— Então já podem começar! – enfatizei.

Saí do cômodo e peguei o meu celular, ligando para Lucas.

— Alô? - ele disse ao atender.

— Quero que vá na minha sala agora, pegue minha bolsa com o meu notebook e me encontre na entrada do edifício.

— Onde você está?

— Escutou o que falei? Quero que vá agora!

— Ok...

Enquanto esperava por Lucas, andava de um lado para o outro no salão de entrada. Percebia olhares sendo direcionados a mim e simplesmente ignorei.

— Aqui. – Lucas se aproximou, me entregando a bolsa.

— Finalmente! Por que demorou tanto?

— Desculpe, mas eu trabalho, sabia?

Revirei os olhos.

— Vem comigo.

Ao sairmos do prédio, um vento frio e cortante nos atingiu.

— Caramba! – Lucas disse, colocando o sobretudo que tinha trazido. — Não está com frio?

— Não. Onde fica aquele bar que você disse?

— Quer beber agora? Ainda estamos na metade do dia.

— Onde fica, Lucas?!

— A dois quarteirões daqui.

Andamos lado a lado até o bar e no trajeto, percebi Lucas assoprando as mãos, tentando se aquecer.

— Você é muito frouxo, sabia?

— O quê disse?

— Está morrendo de frio...

— E você não? Está cinco graus aqui fora, sabia?

— Jura? Nem estou sentindo.

Lucas lançou uma expressão confusa a mim.

— O que foi?

— Você é realmente fria. Literalmente. As pessoas deveriam parar de te

chamar de Rainha Má e passar a chamar de Rainha do Gelo.

Ao chegarmos no bar, fui até a última mesa e logo tirei o notebook de dentro da bolsa.

Uma garçonete se aproximou.

— Não vamos querer nada. – disse ríspida, apenas olhando para a tela do computador.

— Eu quero. Uma água, por favor. – Lucas sentou ao meu lado. — O que aconteceu? Você parece muito mais nervosa que o normal.

— O que quer dizer com isso?

— Você entendeu, acho que não preciso explicar. Então, vai me contar?

— Eu preciso acabar com a Luiza o mais rápido possível.

— Ok. Isso foi um pouco... agressivo.

— Você que é passivo demais.

A garçonete veio com a água e acabei mudando de ideia.

— Ei, mocinha. Eu vou querer um Martini. Um não, dois.

Ela me olhou um pouco antipática.

— O que está esperando? Vai, vai.

— Você trata todo mundo assim? – Lucas perguntou.

Bufei.

— Aqui. Achei.

— O que achou?

— A pasta onde a Luiza está guardando tudo sobre o projeto dela.

— Tem certeza que vai fazer isso?

Encarei Lucas, abrindo um sorriso maléfico.

— Você realmente não me conhece.

A garçonete voltou com os dois copos. Peguei o primeiro e bebi de uma vez.

— Opa. Vai com calma aí.

— Calma é uma coisa que eu não posso ter, meu querido.

— Você está ansiosa por isso mesmo, não é? – pela primeira vez, Lucas lançou um olhar assustado a mim.

— Não imagina o quanto.

Abri a pasta e tudo estava lá.

— Uau. Ela está bem adiantada. – ele disse.

— É o que parece. Mas ainda assim, é tão cafona, igual a ela.

— Eu achei muito bom.

O encarei.

— O quê? Só estou falando a verdade. – ele se acomodou melhor. — Mas e o seu projeto, como anda?

— Na verdade, eu não sei muito bem. Deixei minha equipe cuidando de tudo para vir aqui.

— Espera. Você deixou o seu projeto para vir espionar outro? Já pensou que pode se prejudicar com isso? E se não der tempo?

— Vai dar tempo. – falei, ainda concentrada na tela no notebook.

— E se não der? Ainda tem quantas semanas para apresentar tudo ao Montaleone?

— Uma. – peguei o outro Martini, mas dessa vez bebi aos poucos.

— Uma?

— É, uma! – me exaltei. — Por que você veio aqui mesmo? - perguntei, impaciente.

— Porque você me chamou!

— Então fica aí quieto, ok?

— Onde que eu fui me meter... - ele desabafou.

— Bendita hora que falei os meus planos... – pensei alto.

— Você é louca, sabia?

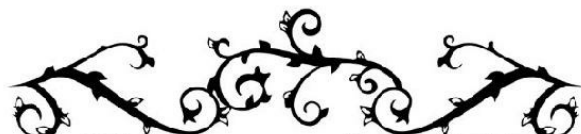
Olhei para ele, o fuzilando com os olhos.

— Você tem sorte de eu estar agora bem mais concentrada nisso aqui do que no que você fala, Sr. Muniz.

Lucas pegou meu Martini em cima da mesa e bebericou um pouco. Olhei para ele sem acreditar no que estava vendo.

— O quê agora? – ele cruzou os braços em frente ao peito, afundando o corpo na cadeira.

Bufei, voltando meu olhar para o projeto de Luiza e analisando tudo meticulosamente.



Capítulo V

Faltavam menos de 12 horas para o prazo de entrega da nova identidade visual da Montaleone terminar e eu ainda estava na metade do projeto. Não conseguia mais pensar direito e começava a ficar desesperada, por isso resolvi chamar Lucas até o meu apartamento naquela noite.

Ao ouvi-lo tocar a campainha, abri logo a porta.

- O seu porteiro é um pouco assustador, não é?
- Entra logo, Lucas. - falei, impaciente.
- Nossa, você tem uma bela casa.
- Já terminou?
- Em que posso te ajudar?
- Você jogou uma praga em mim e eu não consegui terminar o meu projeto.
- Eu joguei? Então quer dizer que agora a culpa é minha?
- Olha só, eu não consigo mais pensar, minha cabeça está explodindo e, não acredito que vou dizer isso, mas preciso de ajuda.

Ele comprimiu os lábios, tentando esconder um sorriso.

- Você o quê?
- Entendeu muito bem o que falei.
- É verdade. Só queria ouvir a Rainha Má pedindo ajuda de alguém mais uma vez.

Revirei os olhos.

- E então?
- Óbvio que vou te ajudar. Eu sou uma pessoa de coração bom. Do que precisa?
- Nas raras conversas que tive com a minha equipe, resolvemos fazer algo que tivesse a ver com velocidade e modernidade. Talvez linhas diagonais... Uma letra mais clássica...
- Ok. Tem algum esboço do que pretende fazer?
- Sim.

Fui até a mesa de centro da sala e peguei o caderno, o entregando.

- Vamos ver o que se passa na sua cabeça.

Lucas analisou cada desenho com o máximo de atenção e logo pegou um lápis, fazendo alguns rabiscos nas páginas em branco. Ele manteve alguns traços dos meus desenhos, mas acrescentou novas características. Acabamos ajustando um o desenho do outro várias vezes, até que chegamos em um consenso.

— É isso. - falei aliviada.

— Eu achei que ficou bem legal.

Levantei para ligar o som e fui até a cozinha para colocar um pouco de vinho para mim.

— Espero que seja o suficiente para conseguir essa promoção.

— Você escuta ópera? Sério? - Lucas falava da música que agora tocava no meu apartamento.

— Não é ópera, é música clássica. Me ajuda a mentalizar melhor e a relaxar.

— Hum... - ele fez uma expressão indiferente. — Nossa! Já são duas da manhã. Tenho que ir.

— Uhum... - dei mais um gole no vinho.

— Então eu já vou... - ele dizia na porta, mas ainda permanecia ali, como se esperasse por algo.

— O que quer?

— Talvez um agradecimento... Um muito obrigado, Lucas... Ou talvez apenas um valeu... Ou até mesmo um joinha com a mão.

Olhei para ele por alguns segundos.

— Quem sabe na próxima.

— Ah não. Qual é! Eu fiquei aqui até essa hora, te ajudando... - apesar de estar sério, o seu tom era de brincadeira. — Eu podia estar em casa agora, sabia? Jogando vídeo game ou até mesmo assistindo filme... Mas não. Vim aqui para te ajudar e...

— Tudo bem, tudo bem. - o interrompi. — Obrigada, Lucas. Ok? Está bom para você? Agora já pode ir.

Ele sorriu, satisfeito.

— Boa noite, senhorita Vasconcelos. Até amanhã. - ele se despediu.



No dia seguinte, enquanto subia para minha sala, tentava amenizar minhas olheiras com um pouco de pó. Depois que Lucas foi embora, eu ainda havia ficado fazendo os últimos retoques no projeto e ensaiando a minha apresentação. Eu havia tido menos de quatro horas de sono.

Enquanto passava pela mesa da minha secretária, ela se levantou em um pulo, me seguindo.

— O seu cappuccino.

— Graças a Deus, Cristina. – peguei a xícara da sua mão, bebendo um pouco.

— Cristina, você acha que estou com muita cara de sono?

— Não. Acho que está deslumbrante como em todos os dias.

— Ok... Pode ficar aí na sua mesa. Não vou precisar de você por enquanto.

Me acomodava em minha mesa, revisando o projeto, quando a porta se abriu.

— Bom dia, senhorita. - Lucas disse, trazendo alguns papéis. — Preciso que assine algumas coisas.

Enquanto assinava, senti os olhos de Lucas sobre mim. Parei por um segundo.

— O que foi?

— Está cansada, não é?

— Por quê? Estou com olheiras? - perguntei, pegando um espelho na bolsa e me olhando.

— Não, não é isso... - ele riu. — É só que aquela sua postura durona... Toda reta... Acho que não veio com você hoje.

— Não estou com paciência para as suas brincadeiras hoje, Lucas. - continuei assinando.

— Estou falando sério. Seu corpo e principalmente a sua mente parecem cansados. Deveria tomar mais café até a hora da reunião e depois tentar relaxar um pouco. - ele pegou os papéis de volta, mas antes de ir, parou na porta. — É apenas um conselho.

Assim que ele saiu, me levantei, andando pela minha sala. Parei na janela que tinha vista para a cidade, olhando a movimentação das pessoas e a agitação do trânsito lá em baixo. Tentei mentalizar.

— Eu sou melhor do que posso imaginar e posso fazer tudo o que quero. Custe o que custar.

Uma batida na porta tirou minha atenção.

— Mariana, o Oscar está nos chamando. - Luiza disse.

Peguei meus pertences e então subimos.

Ao chegamos no vigésimo quarto andar, fomos para a sala de reuniões e Oscar e Bernardo já nos esperavam.

— Olá. - Bernardo falou sorridente.

— Olá. - disse, sentando do lado oposto do dele, assim como Luiza.

— Estão prontas? - Oscar perguntou.

— Sempre.

— Quem quer começar?

— Eu. – falei depressa.

— Vá em frente.

Levantei da cadeira e fui até a outra ponta da mesa, plugando o pen drive no monitor. Essa era hora. Não tinha como voltar atrás. Tudo tinha que ser perfeito.

— Quando penso em relógios Montaleone, penso em velocidade, tecnologia, inovação e sofisticação. E foi a partir dessas palavras que eu criei o conceito para fazer a nova logo. - mostrei-a no monitor. — Variando entre os tons de dourado e prata, criei a logo com letras clássicas e linhas finas, remetendo a sofisticação que a empresa sempre nos passou a sensação de ter. – no monitor, mostrei como seria as aplicações da marca nas lojas.

Bernardo as olhava atentamente e depois de longos segundos ele finalmente falou.

— É muito bom. Acho que está bem equilibrado. Sofisticado e moderno no ponto certo. Eu gostei muito, Mariana. Parabéns.

— Obrigada.

Olhei para Oscar e ele parecia me analisar, mas logo tirou sua atenção de mim.

— Luiza, é a sua vez.

Voltei ao meu lugar e enquanto Luiza ia fazer sua apresentação, parecia nervosa.

— Antes de começar, gostaria de frisar que tudo isso foi feito a partir de uma equipe. Eu reconheço que sem eles estaria um pouco perdida, afinal, esse é um trabalho complexo. - ela deu uma risada nervosa. Revirei os olhos. — Mas prosseguindo, quando Bernardo nos disse que gostaria de algo moderno, pensamos em algumas coisas, até chegarmos em um consenso. - no monitor agora passava a identidade que Luiza tinha feito para a Montaleone. Olhei para Bernardo e ele parecia surpreso. — Fizemos a logo pensando em tecnologia, por isso ela é em 3D. E as suas aplicações nas lojas da Montaleone ao invés de serem em placas, seriam em monitores em toda a faixa, passando essa sensação de tecnologia. - Luiza mostrou como seria a aplicação da marca nas lojas.

— Preciso dizer que isso está incrível. - Bernardo abriu um sorriso enorme.

— Acho que esse era o tipo de inovação que eu queria.

— Fico feliz que tenha gostado.
— Luiza, você se superou. Parabéns. - Oscar disse.
— Obrigada.
— Então, Bernardo. Está satisfeito?
— Muito. Você tem profissionais fantásticas, Oscar.
— Acha que já tem uma decisão ou precisa de mais tempo?
— Não, eu já me decidi.
— Então por favor, pode dizer.
— Bem, não tenho o que reclamar do trabalho das duas. Foram incríveis. Mas, vocês sabem que temos uma concorrente de peso agora. A relojoaria Astro, nossa maior concorrente, cresceu muito durante esses anos e precisamos de algo totalmente diferente na Montaleone agora. Precisamos de inovação e eu vi muito disso no trabalho da Luiza. Acho que tem tudo o que precisamos ali e ainda é a cara da Montaleone. O trabalho da Mariana está fantástico também, mas acho que o que ela fez casaria perfeitamente com a nossa nova linha de relógios. Na nossa próxima reunião sobre a nova submarca, vocês vão entender perfeitamente do que eu estou falando.
— Mas hoje...?
— Hoje eu vou ficar com o trabalho da Luiza. E mal posso esperar para ver em todas as minhas lojas o que você fez.
Eles sorriram um para o outro. Já eu, senti meu coração congelar ao ouvir aquelas palavras.
— Então é isso. Parabéns, Luiza, pelo seu trabalho.
— Muito obrigada, Oscar.
— Hum... - Bernardo olhava para o relógio. — Já está na minha hora. Eu realmente preciso ir.
— Tudo bem.
— Foi um prazer, meninas. Com licença. Até mais.
— Até. - Luiza disse e eu ainda continuava sem conseguir dizer nada.
— Garotas, como eu havia dito, quem Bernardo escolhesse iria continuar com o projeto. Por isso, Luiza, mais uma vez parabéns.
— Muito obrigada, Oscar.
— E só para frisar, isso não quer dizer que já escolhi quem vai ser a nova diretora de arte. Isso só está me ajudando a decidir quem tem mais capacidade de exercer esse cargo. Ok?
— Ok.
— Luiza, se quiser mudar sua equipe para continuar o projeto, está livre para

fazer.

— Na verdade, eu gostaria de fazer apenas uma alteração.

— Vá em frente.

— Eu gostaria de recrutar a Mariana para a minha equipe. Acho que seria bom dar mais essa oportunidade e seria bem mais justo para você fazer a sua escolha.

Fiquei surpresa com a atitude de Luiza e um sentimento não muito bom começou a surgir em mim.

— Tudo bem então. Vocês estão dispensadas.

Luiza se levantou e eu fiz o mesmo, mas saindo da sala sem falar nada. No caminho para o elevador, senti uma mão tocando meu ombro.

— O que aconteceu com você hoje? - Oscar perguntou baixo. — Esse não é o tipo de trabalho que você costuma apresentar. Era bom, não posso mentir, mas você não apresenta trabalhos bons e sim excelentes. O que aconteceu, Mariana?

— Me desculpe, Oscar. Eu tive muitas distrações durante essas semanas e não consegui trabalhar bem. Sinto muito! Prometo que não vai voltar a se repetir.

— É o que eu espero. A Luiza te deu uma chance de continuar no páreo com ela. Não me decepcione.

— Pode deixar.

— Já pode ir.

Desci tremendo para a minha sala e enquanto passava pelo corredor, acabei esbarrando em alguém e derrubando várias pastas e papéis no chão. Não me importei e segui até minha sala, fechando a porta com força. Tentava manter minha respiração calma, mas era quase impossível. Eu precisava extravasar! Peguei um vaso de vidro e lancei contra a parede. Depois mais outro e outro. Quando joguei mais um, a porta se abriu e eu quase acertei Lucas. Ele tentou se proteger da forma que pôde.

— Está querendo matar alguém?!

— Sai daqui! - gritei.

Ele não me obedeceu e entrou, fechando a porta e a persiana da janela que davam para o escritório.

— O que aconteceu?

— Eu odeio ela! Eu odeio! - bati forte na mesa, com o punho cerrado.

— O Montaleone não escolheu o seu projeto?

— Não! E ainda por cima aquela... urr... me humilhou. Ela quis se fazer de

boazinha, me recrutando para a sua equipe para que fosse uma disputa justa para o Oscar escolher entre nós duas. Que ódio! - sentia lágrimas se aglomerando nos meus olhos.

— E isso não é bom? Você vai poder mostrar o seu trabalho.

— Você não está entendendo. Ela não fez isso porque é boa. Ela quer me humilhar fazendo com que eu seja a subordinada dela. Ela quer mostrar que é melhor do que eu. Sempre foi o que ela fez... Me humilhar é o que ela quer!

Passei a mão pela mesa, derrubando tudo o que tinha em cima. Lucas ainda conseguiu segurar o monitor do computador a tempo.

— Eu odeio aquela mulher. Odeio com todas as minhas forças. - falei, enraivecida.

— Calma, ok? Calma.

— Eu não quero ter calma! - esbravejei.

Lucas foi até a porta e chamou Cristina. Ao entrar, ela ficou assustada ao ver a bagunça de várias coisas quebradas pelo chão.

— O que aconteceu...

— Senhora Brito, presta atenção. - Lucas falava calmamente com ela, enquanto eu andava de um lado para o outro da sala. — Precisa arrumar essa sala antes que mais alguém veja, pode ser?

— Tudo bem.

— E você... - ele pegou minha bolsa e me puxou pelo braço. — Vai sair daqui comigo agora, antes que faça uma loucura.

Lucas estava certo. Com certeza eu podia cometer uma loucura.

Enquanto passávamos por Cristina, lancei um olhar nada amigável a ela.

— Ninguém vai saber. Quando voltar, tudo vai estar no lugar, como era antes. - ela gaguejou.

— Obrigado, senhora Brito. - Lucas disse gentil, me empurrando para fora.



Tínhamos ido para o bar perto do edifício. Estava sentada no balcão, com a cabeça abaixada e as mãos enfiadas no cabelo, tentando me acalmar há alguns minutos.

— Quer falar alguma coisa?

— Não. - disse, secamente.

— Quer beber alguma coisa?

— Um Martini.

— Ok.

Segundos depois, ele me tocou no braço, entregando o Martini. Bebi de uma vez.

— Eu quero mais um.

— Acho que alguém aqui não sabe perder...

— Você não faz ideia de como estou me sentindo. Então é melhor ficar calado! - peguei o segundo Martini e bebi de uma vez. — Ei você, traz uma vodca pra mim. Preciso de algo forte.

— Ok. - a garçonete disse, pondo um shot e uma garrafa na minha frente.

Coloquei a primeira dose e tomei. Fiz uma careta, sentindo o líquido queimar na minha garganta.

— Por que você não me fala como está se sentindo então?

— Vai querer dar uma de meu amigo agora?

— Não é ruim ter alguém para desabafar.

— Não preciso disso. - tomei a segunda dose. — A solidão me acompanha durante anos e foi por causa dela que me tornei a mulher que sou hoje.

— Mas as vezes é bom poder colocar para fora. Pode fazer nos sentirmos melhor.

Tomei a terceira dose e parei por um segundo.

— Quer me fazer sentir melhor?

— Sim...

— Então quero que pare de falar sobre a Luiza ou qualquer coisa que seja relacionado a ela.

— Tudo bem. - ele se endireitou no banco. — Que tal falarmos sobre você então.

Revirei os olhos.

— Qual é. Vamos lá! Eu sou o seu capanga, esqueceu? Preciso saber sobre para quem trabalho.

Tomei a quarta dose, agora olhando para ele.

— O que quer saber?

— Ok. Hum... Que tal me dizer sua cor favorita?

— Isso é sério, Lucas?

— Sim. - ele riu.

— Preto.

— Bem conveniente. Hum... Quantos anos você tem?

— Vinte e seis.

— Os seus hobbies...?

Tomei mais um shot.

— Gosto de observar a cidade da sacada do meu apartamento, bebendo um bom vinho e escutando música clássica.

— Credo! Você precisa rever os seus gostos. – ele tirou o casaco, colocando em cima do balcão. — Mas prosseguindo... Gosta mais do frio ou do calor?

— Com certeza frio.

— Por quê?

— Acho que combina comigo.

Fixei meu olhar em Lucas. Aquilo estava começando a me distrair da minha raiva.

— Sei... - ele riu. — E você tem medo de algo?

— Não.

— Fala sério. Todo mundo tem medo de alguma coisa.

— Próxima.

— Tudo bem. Hum... Que tal me falar um pouco sobre a sua família?

— Ok. Já terminamos aqui. - tirei dinheiro da bolsa, colocando em cima do balcão.

Sai andando e senti a mão quente de Lucas segurando meu braço com delicadeza.

— Ei! Calma.

— Não quero mais falar sobre isso.

— Tudo bem. Nós conversamos sobre outras coisas então.

— Você não entendeu. Não quero mais responder perguntas, nem falar sobre nada. O que eu quero agora é ir embora para a minha casa e ficar lá sozinha, porque eu não preciso disso aqui.

— Tudo bem. - ele pegou o casaco em cima do balcão. — Eu te levo.

— Não. Eu estou bem.

— Não está não. Bebeu dois Martinis e boas doses de vodca. Não pode dirigir assim.

— Eu estou bem! - dei as costas indo embora, mas Lucas correu na minha frente, bloqueando a saída do bar com o próprio corpo.

— Não posso deixar você fazer isso.

Fiquei na ponta dos pés, aproximando meu rosto do dele e o olhando nos olhos.

— Você não manda em mim. - disse firme. — Agora sai da minha frente! Isso é uma ordem.

Ele permaneceu no mesmo lugar.

— Sai!

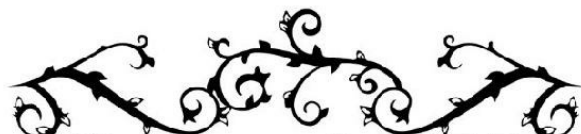
Lucas me observou por alguns segundos, mas fez o que eu disse.

— Ok. - ele levantou as mãos, como se estivesse se rendendo. — Mas que fique claro que se você morrer em um acidente de carro, eu tentei te impedir. A culpa não vai ser minha. – ele falou em tom de brincadeira.

— Não precisa se preocupar. Se isso acontecer, ninguém vai sentir a minha falta e talvez algumas pessoas te agradeçam.

— Mariana... - ele tentou se aproximar.

Eu por minha vez, dei as costas, indo embora.



Capítulo VI

No dia seguinte, acordei com uma dor de cabeça infernal. Levantei, tomei um analgésico e lembrei que era dia de trabalhar. Eu não queria ter que ir. Não queria ter que ver a cara de Luiza se deliciando em ser a minha superior, nem que fosse por um breve momento. Mas eu tinha que ir. Sem o meu trabalho eu não era nada, por isso fiz o que devia ser feito.

Durante a madrugada, havia nevado muito, por isso as ruas estavam congestionadas e a garagem do edifício onde a F-Corp funcionava estava fechada. Tive que parar o carro a três quarteirões de lá. Antes de descer, coloquei um gorro e óculos escuros. Enquanto saía do carro, colocando as minhas luvas, tropecei e acabei enfiando o pé em uma camada grossa de neve.

— Droga! - tentei puxar o pé, mas era quase impossível.

Puxava a minha perna, tentando me livrar daquela neve toda, mas acabei tirando o pé da bota com tanta força que caí na neve.

— Está sol hoje, não é? - Lucas disse ao se aproximar, apontando para os meus óculos e logo em seguida colocando as mãos no bolso do casaco.

O ignorei e tentei puxar a bota novamente, mas falhei miseravelmente, caindo sentada na neve.

Lucas riu alto.

— Precisa de ajuda aí?

— Não! Não preciso da ajuda de ninguém, principalmente da sua. - voltei a puxar a bota, sem obter resultado.

— Tem certeza?

— Que droga! - falei sozinha, irritada.

Lucas se aproximou, abaixando para puxar a bota.

— Prometo que não vou pedir que me diga obrigada.

— Tanto faz...

Em apenas dois movimentos, ele conseguiu tirar o calçado da neve.

— Aqui.

Peguei a bota da sua mão e me encostei no carro, colocando-a de

volta no meu pé.

— O seu cabelo está um pouco branco.

— O quê?

— O seu cabelo. Tem neve nele.

Passei as mãos pelo cabelo e vários flocos caíram dele, foi quando me dei conta que estava toda suja de neve.

— Mas que droga... - me sacudi toda, indo em direção ao edifício.

— A sua bolsa. - Lucas se aproximou, me entregando e caminhando ao meu lado. — Parece que não morreu ontem... Isso é bom.

— Há controvérsias.

— Quando disse ontem que ninguém sentiria sua falta... Estava errada. Eu sentiria. Com quem eu iria brigar todos os dias?

Parei abruptamente no meio da rua.

— Olha aqui. Não precisa querer me fazer sentir melhor ou bancar de meu amigo, ok? Não somos e nunca seremos.

— Ok...

— Ótimo. - voltei a andar.

— Eu queria te pedir desculpas por ontem. Não sabia que a sua família era um assunto delicado para você.

— Não é.

— Não foi o que pareceu.

— Não está começando o dia muito bem, Sr. Muniz.

— Desculpa. De novo. Juro que te chatear não é a minha intenção.

— Quer me fazer um favor?

— Só é o que eu faço, não? Eu te ajudo e você não me ajuda.

— Quero que fique calado. Minha cabeça está doendo e você tagarelando ao meu lado não está dando certo.

— Tudo bem.

Fiquei surpresa ao ver que Lucas levou a sério o meu pedido e se manteve calado durante todo o percurso até a F-Corp.

Ao entrar na minha sala, tudo estava organizado e os vasos que quebrei tinham sido repostos.

— Eu fiz o que o Lucas pediu. Ninguém viu o que aconteceu aqui dentro. - Cristina disse.

— Ótimo.

— Aqui está o seu cappuccino. - ela me entregou, mas não foi embora.

Estranhei.

— O que quer?

— Senhorita Mariana. – ela tentava arrumar os cachos do cabelo de volta no coque. — Eu... Eu gostaria de pedir uma coisa.

— Não é um aumento, é Cristina?

— Não.

— Então o que é. Diz logo, criatura.

— Eu queria pedir... alguns dias de folga.

— Folga?

— Sim. É que o meu marido vai fazer uma cirurgia fora da cidade e eu gostaria de acompanhá-lo.

— Marido? Desde quando tem marido, Cristina?

— Hum... Há quase vinte e cinco anos.

— E como eu nunca soube disso?

— Bem, a senhorita nunca perguntou...

Ali eu me dei conta que não sabia quase nada sobre as pessoas que trabalhavam naquele escritório. Mas não me importei.

— Quantos dias precisa ficar lá?

— Bem... Vai ser fora da cidade e não vai ser uma cirurgia simples... E ele ainda tem que ficar em observação por alguns dias...

— Quantos dias, Cristina.

— Cinco.

— Cinco?

— Sim. Mas pense bem, senhorita Vasconcelos. Amanhã já é sábado. Eu só irei faltar três dias.

— Só três? Acha pouco?

— Hum... - ela pareceu nervosa.

— Quem vai cuidar da minha agenda?

— O Lucas. - ela logo falou. — Ele é um menino muito bom. Sempre se mostrou simpático com todos aqui dentro. Faz todos rirem... Ele vai dar conta.

— Acha isso mesmo?

— Com certeza.

Pensei por um instante.

— Ok. Eu vou confiar em você. Tem os seus três dias de folga, Cristina.

— Muito obrigada, senhorita Vasconcelos! – ela deu um passo à frente. Talvez fosse me abraçar ou apertar a minha mão, mas ela desistiu no meio do

movimento.

— O que eu tenho hoje?

— A Luiza convocou a equipe dela para subir daqui a pouco, então a senhora tem que ir.

Bufei.

— E o que mais?

— Lembra de um cliente seu que veio aqui, fez todos os pedidos para a marca dele e depois não retornou mais?

— Sim.

— Ele ligou hoje, disse que pensou melhor e vai querer a marca.

—Urgh!

— Por enquanto é só isso. Mas acho melhor a senhorita já ir subindo...

— Tudo bem. Enquanto isso, explique tudo ao Lucas. Tudo mesmo, Cristina. Sabe que eu odeio desorganização.

— Pode deixar.

Subi para a sala de reuniões do vigésimo terceiro andar e senti um embrulho no estômago ao ver Luiza lá dentro. Pensei em voltar, fingir estar passando mal ou algo do tipo, mas desisti. Levantei a cabeça e entrei na sala. Ela não me faria sentir inferior.

— Acho que todos já estão aqui, certo? Então podemos começar. - ela disse.

— Tenho que parabeniza-los pelo excelente trabalho. Bernardo Montaleone amou a identidade visual que fizemos.

Todos começaram a bater palmas e a confraternizar entre si, felizes. Que tédio!

— Seguimos para a próxima etapa, que é a nova linha de relógios da Montaleone. Bernardo ainda não deu muitas informações, pois vou ter uma reunião com ele na próxima semana, mas até onde sabemos, será algo inovador. A Mariana pode falar um pouco mais sobre isso.

Ao ouvir meu nome sair de sua boca, tive vontade de esgana-la, mas me contive.

— Bem, o que me pareceu foi que Bernardo tem em mente uma linha moderna, tecnológica e bastante elegante e sofisticada. Como ele mesmo falou, a Astro hoje é a maior concorrente da Montaleone e precisamos inovar no que vamos fazer. Precisamos mostrar aos clientes o porquê de a Montaleone ser a melhor.

Luiza me olhou sorrindo, mas não retribui.

— É isso aí, pessoal. A Mariana disse tudo. Precisamos mostrar o porquê de a

Montaleone ser a melhor. Então, ideias?



Depois de horas naquela reunião, ouvindo a voz insuportável de Luiza, desci para a minha sala e encontrei Lucas e Cristina juntos. Ela parecia explicar algumas coisas para ele.

— Quero que venha aqui um minuto. - disse a ele.

— Claro.

Ao entrar, pedi que fechasse a porta.

— A Cristina já te falou da novidade?

— Sim. Serei seu secretário durante alguns dias. Ela já me explicou algumas coisas e já sei que gosta do seu cappuccino com muito café, pouco leite e nem muito nem pouco açúcar. Ela também disse “nada de flores, Lucas”.

— Ótimo.

— Você tem alergia a flores?

— Não.

— Então por que não gosta?

— Isso é sério, Lucas?

Ele cruzou os braços em frente ao corpo. Estava esperando por uma resposta.

— Sei lá... Elas são irritantes... Delicadas demais... Eu não gosto e pronto. Já terminou? – me irritei um pouco — Tenho uma tarefa para você.

— É só dizer.

— Quero que comece a pensar no nosso próximo passo contra a Luiza. Essa promoção ainda pode ser minha. Só preciso fazer a movimentação certa nesse jogo e quando ela menos esperar... Vai estar fora da jogada.

— Tudo bem...

— Você tem o meu número e sabe onde me encontrar. Em relação a isso, não hesite em me contatar.

— Ok.

— É só isso. Já pode ir. – acenei com a mão, mandando-o embora.

— Ok.

Quando Lucas saiu, peguei meu notebook e comecei a bisbilhotar o computador hackeado de Luiza. Precisava pensar em algo para acabar com ela logo.

— Eu vou conseguir te derrubar. A se vou...



Capítulo VII

Em casa, tentava assistir algo na TV, mas não conseguia parar em um único canal. Estava ficando entediada, quando meu telefone tocou.

- Alô?
- Estava olhando a sua agenda e vi que não tem nada para fazer hoje.
- Hoje é sábado, Lucas. O que quer?
- Acho que tive uma ideia para seguir com o seu plano.
- E o que seria?
- Isso você só vai saber se me encontrar.
- Pode vir aqui no meu aparta...
- Não, não, não. Você que vai ter que me encontrar.
- Está falando sério?
- Muito.
- Bufei.
- Onde?
- Sabe onde fica a rua Napoleão?
- Sim. É perto do parque de diversões.
- Isso. Quero que me espere lá.
- Aonde vamos?
- Você vai ver. Até lá. - ele desligou apressado.
- Não acredito que isso está acontecendo. - revirei os olhos, indo me arrumar.

Em uma roupa confortável de moletom, fui até o lugar combinado. Esperava por Lucas, encostada no meu carro, quando o vi se aproximando.

- Espero que eu não tenha saído de casa em vão.
- Não vai se arrepender.
- Aonde vamos?
- É só me seguir.

Lucas atravessou a rua e foi em direção ao parque de diversões.

- Não. Você não vai entrar aí, não é?
- Não.
- Menos mau.
- Nós vamos.
- O quê? Claro que não!
- Vamos! Você precisa relaxar um pouco.
- Não estou acreditando nisso...

Me recusei a entrar, mas Lucas quase me forçou a andar. Ao entrarmos, uma explosão de cores surgiu na minha frente. Balões coloridos, algodão doce, pipoca, pessoas sorrindo e se divertindo passavam de um lado para o outro do parque.

- Por que quis me trazer aqui para falar de um plano?

Ele me olhou de canto de olho. Entendi imediatamente o que aquilo significava.

- Não me trouxe aqui para falar de nenhum plano, não foi?
- Eu sabia que não viria se eu não falasse aquilo.
- Não acredito nisso...
- Mas olha só, foi por uma boa causa. Eu queria me desculpar por aquele dia no bar.
- Isso já havia sido resolvido.
- Não, não tinha. Eu não deveria que ter insistido naquele assunto. É algo muito pessoal, então, por favor, me desculpe.
- Tá, tá. Agora vamos embora.
- Não. Por quê?
- O que eu vou fazer aqui, Lucas?
- Se divertir...? Olha só, eu sou seu secretário agora, ok? Não tem nada para fazer hoje e precisa relaxar. Você está muito tensa com tudo que vem acontecendo. Precisa se divertir. Então... Se divirta, Mari.
- Não gosto que me chamem de Mari.
- Por quê? - ele perguntou, rindo.
- Porque não. Não me traz lembranças boas.
- Então nada de Mari. Mas vamos nos divertir. Por favor!

Olhei para ele, hesitante, mas acabei cedendo. Talvez assim aquele dia acabasse mais depressa.

Comecei tímida, observando Lucas brincar nos estandes de tiro, até que aceitei um desafio dele. Ao ver o quanto aquilo era divertido, comecei a me animar.

— Dessa vez você vai perder. - ele disse, segurando um martelo de brinquedo.

— Disse isso nas últimas três vezes que apostamos algo.

— Então dessa vez, se eu ganhar, quero que vá na roda gigante comigo.

— Tudo bem, porque você vai perder. Se eu ganhar, quero que corra por esse parque, gritando como um louco.

— Caramba! Eu pego leve com você, sabia? Da vez que ganhei, só te pedi para dar um abraço em um desconhecido. E da última vez que perdi, você me fez pegar o pirulito de uma criança e agora quer que as pessoas riam de mim?

— É exatamente isso. Mas se não quiser, é só bater o meu recorde, querido.

— Você vai perder. Eu estou sentindo isso.

— Então bate logo nesse negócio.

— Tudo bem. Lá vou eu.

Lucas se preparou por um instante. Parecia bem concentrado e então ele bateu com toda força o martelo de brinquedo em uma superfície, fazendo com que o ponteiro do brinquedo subisse.

— Vamos lá, vamos lá...

Em uma telinha mostrava a quantidade de pontos que Lucas havia feito e ele tinha batido o meu recorde.

— Isso! - ele gritava, comemorando. — Eu sabia, eu sabia!

— Aqui, senhor - a mulher do estande o entregou uma batata frita de pelúcia.

— Obrigado. Você deveria me dar os parabéns, sabia? - ele disse a mim.

— Por quê?

— Ué. Porque... Porque sim.

Comecei a rir.

— Tudo bem. Não precisa de parabéns, mas vai ter que pagar a aposta.

— Ok... - revirei os olhos.

— Você não tem medo de altura?

Olhei para Lucas, sem acreditar.

— Você jura que acha que esse é o meu maior medo? Me poupe. - ri.

— Já que é assim... Então vamos lá.

Fomos para a fila e ficamos poucos minutos lá, até que chegou nossa vez de ir na roda gigante. Sentamos um de frente para o outro.

— Essa até que é um pouco grande, não é? - ele parecia um tanto apreensivo.

— Está com medo?

— Claro que não.

— Você está com medo! - falei rindo.

— Não estou não. - ele também riu. — Talvez um pouco.

A nossa cabine ia subindo cada vez mais, até parar no ponto mais alto. Ficamos parados ali por alguns minutos.

— Uau. - Lucas disse, olhando o horizonte. Já era noite, por isso a cidade estava coberta por luzes.

— É lindo, não é? - falei, admirando também.

— É sim.

Lucas então colocou a cabeça para fora da cabine, olhando para baixo e pareceu arrependido ao fazer.

— Nossa. Isso aqui é alto mesmo. Moço! - ele gritava. — Será que já dá pra descer? Já ficamos muito tempo aqui. Moço!

Comecei a gargalhar.

— Do que está rindo? Não é engraçado. - ele mesmo ria de si.

Enquanto ríamos, ouvimos uma música começar a tocar no parque. Parecia antiga.

— Oh meu Deus. Marvin Gaye! Aumenta aí, DJ. Meu pai que me mostrou essa música pela primeira vez. Ela é muito boa! Já ouviu?

— Não.

— Como não? Oh meu Deus!

Lucas começou a cantar.

— "*Ain't no mountain high, ain't no valley low, ain't no river wide enough, baby.*" - ele vibrava. — Essa música é tão maravilhosa! Sabe o que ele diz? Não há montanha alta, não há vale profundo, não há rio largo o suficiente, querida. Se você precisar de mim, me chame. Não importa onde você esteja, não importa a distância, apenas chame meu nome. Estarei lá depressa, não tem que se preocupar. - ele se divertia. — Esse cara é um poeta!

Minha barriga começava a doer de tanto rir. Lucas então ficou de pé na cabine e cantava o mais alto que podia.

— "*Remember the day I set you free, I told you could always count on me, darling. From that day on I made a vow, I'll be there when you want me some way, somehow.*"

— Lucas para com isso. Você vai cair! - eu tentava falar, mas o riso foi mais forte. — Lucas!

Fui até o seu lado e o puxei pela camisa, fazendo com que se sentasse ao meu lado.

— Não acredito que nunca escutou essa música. Como é possível?

— Eu realmente não faço a menor ideia.

— Céus! Você tem que mudar seu repertório, não pode escutar ópera sempre!
— É música clássica!
— "*Oh, no, darling. No wind, no rain.*" - Lucas praticamente berrava.
— Lucas, para com isso! Vão acabar nos expulsando do parque.
— Só vou parar se você me perdoar pelo que aconteceu no bar.
— Mas eu já perdoei.
— Tem que ser de verdade. - ele se levantou de novo.
— Eu perdoo. De verdade, eu perdoo. Agora para de levantar, senão você vai cair.

Ao se sentar, Lucas e eu tivemos uma crise de riso.

— Você é maluco, sabia?
— Eu estou começando a pensar a mesma coisa. - ele passava a mão pelo cabelo, arrumando-o. Talvez, sem toda aquela formalidade do escritório, ele fosse realmente bonito.

Parei por um segundo, o observando.

— Por que é tão importante para você que eu te perdoe?

Ele parecia pensativo, até que parou de rir e me olhou nos olhos.

— Eu não sei. Eu... Realmente não sei...

Lucas então passou sua mão pelo meu pescoço e me trouxe para um beijo. Eu nunca tinha recebido um tão doce como aquele. Sua mão escorregou pela minha cintura, me trazendo mais para perto. Passei minhas mãos entre os seus cabelos, mas logo recuei do beijo, ficando calada por algum instante, o que era raro de acontecer comigo.

Lucas me olhava, sem saber o que fazer.

— Me desculpa. Eu não devia ter feito isso.

— Não deveria mesmo. Hum... - saiu do seu lado e voltei para a poltrona em que estava antes, na sua frente. — Foi um erro.

— Sim... Hum... Foi-foi um erro. - ele gaguejou.

— E espero que não se repita.

— Não vai. Com certeza não vai.

A roda gigante então voltou a descer e assim que chegou no chão, o rapaz que a comandava parou Lucas.

— Da próxima vez que ficar de pé na roda gigante, vai ser expulso do parque. Podia ter caído de lá de cima, sabia?

— Me desculpe. Não era a minha intenção...

Enquanto Lucas tentava se explicar, aproveitei para sair dali depressa.

— Ei! - Lucas deixou o rapaz falando sozinho e veio atrás de mim. — Aonde

vai?

— Tenho que ir embora.

— Mas já?

— Já é noite, Lucas. Eu realmente tenho que ir.

— Tudo bem. Mas fica com isso. - ele me entrego a batata frita de pelúcia. —
Pra lembrar que eu ganhei de você.

Um sorriso tímido brotou na minha boca.

— Apenas duas vezes. As outras três eu ganhei, mas tudo bem. Boa noite, Lucas.

— Boa noite.

Me afastei, junto com a batata de pelúcia e ao sair do parque, me peguei rindo. Faziam alguns anos que não me divertia tanto.



Capítulo VIII

Preciso admitir que passar um dia me divertindo tinha renovado as minhas energias. Eu me sentia forte novamente e disposta mais do que nunca a ter o que eu quisesse, sem me importar com o preço a ser pago.

Passei o dia tendo ideia sobre como prosseguir com o meu plano de acabar com Luiza e uma delas me fez rir de satisfação. Precisava contar a Lucas, por isso, o chamei em meu apartamento.

Preparava um jantar de comemoração, quando ele tocou a campainha. Ao abrir, ele entrou sorrindo.

— Não vai acreditar no que eu pensei. - falei empolgada.

— Eu trouxe um CD do Marvin Gaye pra você.

— O quê?

— É. Você precisa ouvir, é fantástico. - ele disse, me entregando o CD.

— Não ouviu o que falei, não é? - coloquei o CD em cima da bancada da cozinha.

— Não. O que disse? Meu Deus! Você cozinha?

— Sim. Eu moro sozinha, esqueceu? E para de mudar de assunto.

— Desculpa. O que quer dizer?

— Eu tive uma ideia incrível para acabar com a Luiza. - falei, nos servindo a massa que eu havia feito junto a um molho branco.

— E o que seria?

— Lembra da Astro?

— Claro. É a maior concorrente da Montaleone. - ele disse, comendo a massa. — Nossa! Isso aqui está muito bom!

— Tudo o que eu faço é bom. Mas voltando... Andei pesquisando e advinha... A Astro também está prestes a lançar uma linha de relógios.

— E?

— E, meu caro, que eu vou usar isso para sabotar a Luiza. Vou mandar o projeto dela para a Astro sem que ela saiba. - nos servi duas taças de vinho.

— Vai ser incrível.

— E como pretende fazer isso?

— Ainda não sei muito bem, mas vai dar certo. Eu sinto. E você vai me ajudar.

— Fazer o quê... Não posso dizer, não. Não é?

— Não, não pode.

— E a Rainha Má ataca novamente... - Lucas largou os talheres em cima do prato, indo até a sacada do meu apartamento. O segui com as duas taças de vinho.

— Acha que a Rainha Má é uma vilã? - o entreguei uma das taças.

— Óbvio! O próprio nome já diz muito sobre ela. - ele bebericou o vinho. — Nas histórias, ela fez muitas coisas contra pessoas inocentes.

Fiz uma careta.

— Você não concorda? - ele perguntou.

— Hum... Não. Não sei se esse é o termo correto a se usar. Vilões... - bebi um pouco do vinho também. — Acha mesmo que eles estão totalmente errados?

— Claro que sim! O que eles fazem é errado.

— Certo ou errado. Bem ou mal. Quem sabe qual é o correto, Lucas?

— Qualquer pessoa com bom senso.

— Eu não sei... Prefiro pensar que é uma questão de ponto de vista.

Lucas deu uma risada irônica. Continuei.

— Vilões espertos não precisam usar força bruta, sabia? Com charme e inteligência se consegue muito bem atingir o que se quer. - beberiquei mais um pouco do vinho. — Manipulação. Manipulação é a palavra certa, sr. Muniz. Na verdade, até a pessoa que se diz mais boazinha em algum momento manipula alguém.

— Ok. Esse papo está ficando obscuro demais pro meu gosto.

— Por quê? - me aproximei dele, ficando a um palmo de distância do seu rosto e olhando firme em seus olhos. — Vai me dizer que não vê um certo encanto no discurso de um vilão...

— Hum... - o senti desconcertado, olhando para a minha boca. Mas logo sacudiu a cabeça e tentou voltar ao seu normal. — Não. Eu-eu não vejo encanto nenhum.

— Sei... - sai rindo de perto dele. — Um "vilão" só se torna vilão porque alguém um dia fez algo primeiro contra ele. Eles apenas são estimulados a pagar na mesma moeda. Na verdade, eles que são as vítimas.

— A sua visão de bem e mal é bem diferente da minha.

— Isso é ótimo, não acha? Talvez seja por isso que somos uma ótima dupla.

— Quer fazer um brinde por isso? - ele desdenhou.

— Não seria má ideia. – ergui a minha taça. — Tim tim?

Lucas revirou os olhos, mas tilintou sua taça na minha.

— Não seja chato. Vai me dizer que não está gostando do que estamos fazendo...

— Não, eu não estou. Na verdade, eu fui obrigado a fazer isso. Mas tudo bem.

Eu ri.

— Não tem medo de toda essa escuridão se enraizar em você? – ele falou sério.

— Ela já está há muito tempo, Lucas. Mas não posso reclamar, foi através dela que me tornei tudo que sou hoje.

— E o que se tornou? Uma pessoa solitária e maquiavélica?

— Não. Uma pessoa extremamente forte e obstinada a ter tudo o que quer.

— Você é realmente assustadora.

— É o que pensa sobre mim? Eu te faço sentir medo?

— Eu nunca disse isso. Na verdade, é bem o contrário. - ele colocou a sua taça em cima de uma mesinha ao lado e andou em minha direção, me encurralando contra a parede e me olhando firme. — Eu não tenho um pingo de medo de você.

Senti um arrepio subindo pelo meu corpo. Mas não era de pavor ou medo da sua postura comigo. Na verdade, era por sentir um certo desafio na sua voz.

— Já viu do que eu sou capaz, não foi? Tenho certeza que não vai querer me ter como inimiga.

Lucas riu.

— Jamais. - ao se afastar de mim, olhou o relógio. — Já está tarde. Tenho que ir. Você me permite, majestade?

— Com toda certeza.

Lucas saiu rindo, mas antes de cruzar a porta, se deteve.

— Obrigado pelo vinho. É maravilhoso.

— Uma das vantagens de estar do lado da Rainha Má.

Nós rimos com a piada.

— Até amanhã.

— Até amanhã, Lucas.

Ao ouvir a porta bater, juntei as taças e os pratos e levei tudo para a cozinha. Perto do balcão, vi o CD que ele tinha me trazido. Encarei-o por alguns segundos, até que peguei o CD e coloquei para tocar. A música

começou e Marvin Gaye realmente tinha uma voz agradável. Voltei a lavar os pratos e arrumar a cozinha, mas dessa vez um pouco mais animada e dançante.



Capítulo IX

Enquanto saía do carro, que tinha acabado de estacionar na garagem do edifício, vi Luiza e Bernardo perto do carro dela. Ela ria de algo que ele tinha dito, e além disso, pareciam bem próximos.

Me escondi atrás de uma das pilastras do estacionamento, tentando escutar algo.

— Bisbilhotar é feio, sabia? – uma voz cochichou atrás de mim.

— Que susto, Lucas! E se esconde. – o puxei para perto de mim.

— O que está fazendo?

— Tentando escutar a conversa da Luiza com o Bernardo.

— E já ouviu algo?

— Não. Mas eles parecem tão próximos...

— Eu não sei... Talvez eles só estejam...

— Shiu! – o interrompi, tentando prestar atenção.

— Não sabia que Bernardo Montaleone era tão engraçado. – Luiza sorria.

— Eu só me sinto confortável desse jeito com pessoas interessantes e você é uma pessoa assim. Até demais. – ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. — O que acha de jantarmos? Hoje. Mais tarde, quando terminar o que tem de fazer aqui.

— Não sei se posso...

— Por favor! Eu passo todos os dias ouvindo coisas sobre trabalho e... Eu adoraria ter uma boa companhia hoje.

Luiza sorriu em um suspiro.

— Tudo bem. Mas agora temos que subir. A reunião nos espera.

— Sim, claro.

Eles então entraram no elevador e eu pude sair de trás da pilastra.

— Ouviu isso? Não consigo acreditar. Como ela pode ser tão sonsa? Não sei se posso... – imitei sua voz e revirei os olhos. — Urgh!

— Você realmente não gosta dela, não é?

— Eu odeio ela. Queria que sumisse da minha vida para sempre e que parasse de me atrapalhar sempre que algo está dando certo.

Comecei a andar, em passadas pesadas.

Ao entrar no escritório, me dei conta que Cristina não estava e lembrei que Lucas seria meu secretário por alguns dias.

— Não está esquecendo de algo? – perguntei.

— Acho que não...

— O meu cappuccino.

— Meu Deus... Claro... Vou providenciar agora mesmo. Só preciso de... Hum... Só um minuto. - ele disse, saindo atrapalhado.

Uma risada escapou da minha boca. Como uma pessoa como Lucas poderia existir? No mesmo instante, alguém passou ao meu lado, me olhando estranho. Talvez pelo fato de me ver rir de algo.

— O que está olhando? Não tem o que fazer? - falei, continuando a andar.



O sol já estava se pondo e eu olhava a cidade da janela da minha sala, quando Lucas entrou. Continuei de costas para ele.

— Todos já estão indo embora e você não tem mais nada para fazer hoje.

— Então você já pode ir.

— Vai ficar aqui?

— Preciso de um momento sozinha. Preciso me concentrar.

— Tem certeza? Ainda posso fazer algo, se precisar. Você sabe... A Luiza e o Bernardo vão sair para jantar hoje. Não deveria ficar aqui sozinha enquanto eles se divertem.

— Quer saber? – me virei em sua direção. — Na verdade, acho que mudei de ideia. Tem algo que pode fazer por mim.

— E o que seria?

— Me pagar uma bebida. – falei, pegando a minha bolsa.

No bar, Lucas fez o que pedi. Comecei com um drink leve e quando vi, já estava na vodca, bastante bêbada e bastante falante.

— Você tinha que ver *comu* a Luiza *tava* hoje na *reuniaum*. Falava com um tom de voz doce e *delicadu*... Eu tinha vontade de vomitar. Ela é *taum* patética. – disse, gargalhando e bebendo mais um pouco.

— O que aconteceu entre vocês duas? - Lucas tinha o cotovelo apoiado no balcão e o rosto encostado na mão, o que fazia com que seu rosto ficasse um pouco amassado. — Para uma pessoa insignificante, ela parece ser bem

importante para você.

— Importante? Importante? – falei, rindo. — Eu *odeiu* ela. *Comu* ela pode ser importante?

— Eu não sei...

— Sabe o que eu queria fazer agora? Sair *gritandu* por aí, *dizendu* o *quantu* eu *odeiu* ela. *Naum* acha uma boa ideia? Que tal *fazermus* *issu* agora *mesmu*? - levantei, tropeçando em minha própria perna. — Eu *odeiu* a Luiza! - gritei alto. — Nossa *comu* *issu* é bom! Deveria tentar. Eu *odeiu*... - Lucas colocou a mão na minha boca, me calando.

— Ok. Acho que já bebeu demais por hoje. Eu levo você para casa.

— *Naum, naum. Naum queru* ir embora. - peguei o copo, mas Lucas foi mais rápido e o tomou da minha mão.

— Mariana, você está bêbada. Vai acabar falando o que não deve.

— Oh meu Deus. Você está *falandu* daquele *negociu*...

Ele pareceu confuso.

— Aquele *negociu* de acabar com uma pessoa... - sussurrei.

— Hum. É... Esse negócio... É exatamente dele que estou falando. Não quer que todos saibam o que planejamos, não é?

— *Naum*, claro que... - solucei — *Naum. Shiiuu.*

— Então vamos para casa, antes que fale algo.

— Tem *razaum*.

— Onde está a chave do seu carro?

— Eu *achu* que *naum sei*...

— Ok... - ele pegou minha bolsa, procurando pela chave. — Aqui, achei. Vamos?

— Aham. - tentei dar alguns passos, mas falhei miseravelmente.

Lucas então passou um dos meus braços por cima dos seus ombros e praticamente sustentou o meu corpo para que eu pudesse andar.

— Há quanto tempo não bebe tanto assim?

— Eu nunca bebi *tantu*.

Quando chegamos ao meu apartamento, Lucas fez questão de subir comigo.

— *Naum* precisava ter *vindu*. Eu tô bem. - falei, me jogando no sofá.

— Não é o que parece. Está pálida. Tem certeza que...

— Ai, *naum*...

— O que foi?

— Eu *precisu* ir ao *banheiru*. Agora!

Subi as escadas correndo e ao chegar lá, abri a tampa da privada e imediatamente vomitei. O enjoo que eu sentia não parecia passar e o banheiro girava sem parar. Estava sentada no chão, limpando a boca com as costas da mão, quando olhei para a porta e vi Lucas me observando de soslaio, com olhos especulativos.

— Sai daqui. - empurrei a porta com o pé.

— Deixa eu te ajudar, Mariana.

— *Naum queru* ajuda de ninguém. - falei, sentindo lágrimas nos olhos.

Fiquei ali, no chão, por alguns minutos até que a tontura aumentou ainda mais e a minha vista começou a escurecer.

— Droga, droga, droga. - eu dizia chorando, de raiva.

A porta então rangeu e Lucas entrou, se ajoelhando ao meu lado. Fiquei surpresa por ver que ele ainda estava me esperando.

— Deixa eu te ajudar?

Virei a cabeça, tentando não o olhar e escondendo que estava chorando. Hesitei por longos segundos, mas Lucas foi insistente.

— Mariana, por favor!

Acabei cedendo. Ele então me colocou em seus braços e me levou até o meu quarto. Deitei na cama e abracei o travesseiro com força.

— Se quiser, eu posso ficar aqui, para caso sentir algo durante a noite.

— *Naum* vou. Já pode ir embora.

— Tem certeza?

— Sim.

— Ok, então...

Antes de sair, Lucas fechou as cortinas do quarto e me cobriu com o cobertor.

— Boa noite. - ele disse, saindo e me deixando sozinha.

No fundo, eu gostaria que ele tivesse ficado. Me sentia fraca e isso era um mal sinal... Eu sabia o que me esperava naquela noite, por isso evitei fechar os olhos, mas foi inevitável.



Gritos, choro, sangue... Estava tendo aquele mesmo sonho de sempre. Mas dessa vez foi muito mais intenso. Acordei assustada e gritando. Vendo que não era verdade, comecei a chorar. Era desesperador sentir tudo aquilo.

Estava sentada na cama, tentando me acalmar, quando a porta se abriu de forma brusca.

— O que aconteceu? O que aconteceu, Mariana? - Lucas entrou no quarto, com o cabelo dourado completamente bagunçado. — Ouvi gritos.

— O que faz aqui? - falei, ainda com os olhos marejados.

— Eu... Eu não quis te deixar sozinha. Mesmo que não quisesse admitir, você estava muito mal e eu dormi lá em baixo, no seu sofá. Espero que não se importe... Mas o que aconteceu? - ele perguntou, apoiando as mãos no quadril, provavelmente cansado pela corrida até o quarto.

— Não foi nada.

— Como nada? Você estava gritando e, pelo que estou vendo, chorando também.

Senti minha garganta fechar e o choro se aproximar novamente. Não consegui me conter, por isso cobri o rosto com o cobertor e comecei a choramingar.

— Ei. - Lucas sentou na cama, ao meu lado.

— Não quero que me veja assim. - falei, soluçando.

— Eu não me importo. - ele me puxou para mais perto de si e me abraçou.

Me sentia tão frágil, que acabei retribuindo e descobrindo o rosto.

— Pode me falar o que houve, se você quiser.

— É que eu tive um pesadelo. Na verdade, eu sempre tenho ele, na maioria das noites.

— E sempre é o mesmo?

— Sim.

— E... como ele é?

— Sempre sonho com uma menina e ela está com muito medo de uma mulher. Eu tento salva-la, mas a mulher entra no quarto e a leva. Eu nunca consegui salva-la. - comecei a chorar novamente. — Que droga... Detesto me sentir assim, frágil e com medo.

— Medo... - Lucas ficou em silêncio por um tempo, mas ainda me abraçava.

— Quando te perguntei do que você tinha medo, não quis responder e ficou bem irritada. Acho que finalmente descobri o que te deixa com medo.

Sentei na cama, ficando de frente para Lucas. Ele enxugou o meu rosto. Suas mãos eram mais leves e suaves que uma pena.

— Não quero que pense que estou te forçando a falar nada, mas às vezes é bom desabafar.

— Tudo bem. - respirei fundo, colocando meu cabelo preto e curto atrás da orelha. — Quando eu nasci, o meu pai abandonou a mim, minha mãe e a minha irmã mais velha. Durante os primeiros meses foi fácil, mas depois a

minha mãe entrou em um estado profundo de tristeza. A minha irmã tinha apenas seis anos de idade e se viu tendo que cuidar de um bebê. - meus olhos se encheram de lágrimas, lembrando de tudo. — Eu nunca fui de família rica, então já passei por coisas que você nem imagina. Morávamos em uma casa pequena e eu só tinha um brinquedo, um urso de pelúcia roxo.

Lucas segurou minha mão, como se estivesse me dando força para continuar a falar.

— Quando eu tinha onze anos, a minha mãe, além de deprimida, virou alcoólatra. Por várias vezes ela chegava bêbada em casa e eu tinha muito medo de ver ela daquele jeito. Era como se ela se transformasse em outra pessoa, em um monstro. Quando eu a via daquele jeito, me escondia no quarto e abraçava meu urso com toda força, porque sabia o que ia acontecer. - comecei a chorar novamente. — Ela batia em mim e na minha irmã e não eram algumas tapinhas, eram surras com ódio, Lucas. Eu via ódio nos olhos dela enquanto nos batia. Ela era uma mulher horrível.

— Você é a menina do pesadelo, não é?

Fiz que sim com a cabeça.

— Odeio ter esse sonho porque lembro do quão frágil e indefesa eu era. Eu queria ao menos uma vez poder salvar aquela garotinha e dizer a ela que tudo aquilo vai passar. Que ela vai se tornar uma mulher forte. Mas não consigo. Eu sempre volto a ser fraca e deixo que aquele monstro machuque ela... Eu não consigo salva-la, Lucas. Não consigo... - voltei a soluçar e me afogar em minhas próprias lágrimas. — Eu não consigo...

— Calma, ok? - ele me abraçou. — Está tudo bem agora.

— Eu odeio aquela mulher. Ela não merece ter o meu amor nem nada meu, mas uma coisa eu preciso agradece-la. Ela me fez querer sair desesperadamente daquela casa e quando finalmente me vi livre dela, não sabe o alívio que senti. Depois disso, prometi a mim mesma que nunca ninguém jamais iria me fazer sentir daquele jeito de novo.

— Eu sinto muito.

— Às vezes eu me sinto sozinha. Muito mais do que qualquer pessoa que conheço. Ter contado isso para você me fez sentir um pouco mais leve.

— Algumas vezes precisamos dividir os nossos demônios com outras pessoas, senão eles nos engolem por completo.

— Acho que já fui devorada a muito tempo.

Lucas se afastou, me olhando firme.

— Não acho isso. Eu vejo algo em você e por mais que diga o contrário, não

existe só trevas aí dentro. Algo em mim grita, insistindo que há sim algo gentil e bondoso por trás dessa casca dura.

Lucas então tocou meu rosto e eu fechei os olhos.

— Deixa eu te ajudar? - ele sussurrou.

Senti que aproximava seu rosto do meu. Podia ouvir sua respiração e ao menor toque dos nossos lábios, me afastei. Percebi a decepção no seu rosto imediatamente.

— Acho que... - ele pigarreou. — Você deve estar com fome. Que tal um café da manhã caprichado? - ele tentou disfarçar.

— Não precisa se preocupar.

— Claro que não, não é? - ele levantou, saindo do quarto. — Vai estar pronto em menos de dez minutos. É bom se apressar.

Ele sorriu, saindo do quarto em seguida.

A minha relação com Lucas era estranhamente boa. Não fazia ideia do porquê tinha contado a ele sobre os meus medos e do que aconteceu no passado. Mas eu gostava de ter feito. Como eu disse, era estranhamente bom tê-lo por perto.



Capítulo X

Era o primeiro dia de primavera e eu já odiava ter que ouvir passarinhos cantando, a cidade voltando a ser colorida pelas flores e o clima esquentando... Por que as pessoas gostam tanto dessa estação? Eu realmente prefiro o inverno.

Na sala de reuniões, mordida a tampa da caneta, esperando Luiza chegar. A sua demora foi tanta que tive de buscar um pouco de água. Enquanto pegava o copo descartável, ouvi o elevador apitar. Com certeza era ela, por isso virei as costas. Ouvi passos se aproximando, mas aquele aroma... Aquele cheiro com certeza não era dela.

— Mariana. - Bernardo disse atrás de mim.

— Oi! – sorri, bastante surpresa. — O que faz aqui?

— Vim falar com o Oscar. Viu ele por aí?

— Sim. Mas, na verdade, a sala dele fica no andar de cima.

Bernardo olhou para o elevador, se dando conta do erro.

— Oh meu Deus. - ele riu. — Acho que apertei o botão errado.

— Acontece.

— Como você está?

— Eu? Hum... Bem, eu acho.

— E isso é bom?

— Sim. É ótimo. - ri. — Fico feliz em te ver. Já faz algum tempo.

— Pois é. Não tivemos oportunidade de conversar mais depois daquela reunião.

— É verdade.

— Você parece ser uma pessoa muito autêntica, Mariana.

— E sou. Você não tem ideia do quanto...

— Gosto disso.

Lancei um olhar especulativo a Bernardo. Talvez a minha guerra

contra Luiza não estivesse totalmente perdida.

— Devíamos sair para jantar outro dia.

— Seria ótimo. - ele disse, abrindo um sorriso. E que sorriso... — Agora eu tenho que ir. O seu chefe vai me matar se eu demorar mais um pouco.

— Preciso te contar que isso é verdade. Ele detesta atrasos.

— Então preciso correr.

Nós rimos.

— Até mais, Mariana.

— Até, Bernardo.



Depois da reunião quase interminável com Luiza, desci para a minha sala. Lucas veio atrás de mim com uma agenda.

— Está melhor?

— De quê?

— Você não estava se sentindo muito bem ontem, lembra?

— Ah, aquilo? Já passou. Eu estou ótima.

— Isso é... bom. Eu acho...

— Encontrei o Bernardo hoje.

— Mesmo? E...

— Sabe o que percebi?

— Não faço ideia.

— O Bernardo pode não estar totalmente interessado na Luiza.

— Tem certeza? Eles parecem bem próximos.

Olhei para ele, levantando uma das sobrancelhas.

— Você não está ajudando muito. Mas não importa. O que aconteceu hoje me fez perceber que o jogo só está começando.

— E o que aconteceu hoje...? Vocês... se beijaram ou algo do tipo...

— Não. Pelo menos não ainda. Mas quem sabe... - falei rindo.

— Sei...

Percebi Lucas inquieto, batendo com a agenda na mão.

— O que veio fazer aqui mesmo?

— Ah é. Você tem um cliente para receber. Algo sobre ele ter feito um projeto com você e depois desistir...

— Sei quem é. Ele já está aí?

— Sim.

— Então pode mandar entrar.

— Claro. Só mais uma coisa. Sua irmã ligou e...

— Não quero saber. - o interrompi.

— Mas acho que é muito urgente. Ela parecia aflita e insistiu muito em que você retorne.

— Eu não quero saber!

— Mas é a sua irmã.

— Chega! - me exaltei. — A Cristina deveria ter te avisado que não recebo recados da Paula ou de qualquer pessoa ligada a ela.

— Está falando da sua mãe?

— Vai embora, Lucas. Eu nunca deveria ter dito nada a você... Sai daqui agora e apenas faça o seu trabalho. Mande o cliente entrar!

— Tudo bem. Me desculpe.

Fui até a janela e tentei respirar calmamente. Quando isso aconteceu, ouvi a porta se abrir novamente.

— Guilherme Gadelha.

— Mariana. Quanto tempo, não?

— Pois é. Mas não por minha causa.

Ele se aproximou sorrindo em seu blazer feito sob medida, marcando os músculos do braço.

— Me desculpe. - ele plantou um beijo na minha mão. — Eu realmente fui estúpido de ter desistido do projeto de última hora.

— Ainda bem que reconhece que é um. Eu poderia dizer mais algumas coisas que você é, mas não quero gastar meu tempo com quem não vale a pena.

— Nossa! Assim você me magoa, sabia?

— O que quer, Guilherme?

— Quero retomar o projeto e acrescentar mais algumas coisas. E talvez... Quem sabe... possamos retornar ao nosso assunto pendente. - ele disse, se aproximando ainda mais e colocando suas mãos em minha cintura.

— Acha que ainda quero algo com você depois de ter sumido, me ignorando e desprezando o meu trabalho?

— Acho. Na verdade, eu acho muito.

Guilherme então me beijou de uma forma afobada. Retribui por alguns segundos, até que o parei, segurando seu rosto ainda bem perto do meu. Eu via vontade em seus olhos.

— Tenho que dizer que você ainda beija muito bem e é bem gostoso... Mas está enganado. Não quero nada com você. Não mais - tirei suas mãos de mim e sai de perto dele.

Guilherme pareceu não gostar muito e segurou meu braço com força.
— O que está fazendo? - ele indagou, confuso. — Pensei que gostava do que tivemos.

— Falou certo. Gostava.

— Sabe que não gosto que brinquem comigo, não é?

— Não. Eu que detesto que me façam de idiota! E você está me machucando. Quero que me solte, agora!

— Não. - ele me colocou contra a parede, passando suas mãos pelo meu corpo.

— Me solta, Guilherme. Agora!

Ele riu.

— Eu sei que gosta. Só está se fazendo de difícil. - ele beijava meu pescoço.

— Me solta, seu miserável!

Tentava me livrar de suas mãos de todas as formas possíveis, quando Lucas entrou na sala. Parecia surpreso ao ver aquela cena, mas ao perceber que, na verdade, Guilherme estava me atacando, veio em nossa direção.

— O que acha que está fazendo? - ele disse, indignado.

— Fica na sua aí, cara. Volta pra sua mesinha lá fora.

Lucas então puxou Guilherme pelo blazer e deu um soco em seu rosto. O idiota caiu surpreso no chão e quando voltou a levantar, retribui também com outro soco. Ao ver os dois brigando e quase destruindo a minha sala, sai e pedi por ajuda. Alguns homens do escritório entraram e os separaram.

— Você vai ver, seu merdinha. Meu nome é Guilherme Gadelha! Eu vou te destruir!

— Acha que tenho medo de você, seu idiota? - Lucas tentava se soltar das mãos dos seus colegas de trabalho.

— Deveria!

Eu então me aproximei de Guilherme.

— Você é uma pessoa nojenta e desprezível. Nunca mais pise aqui, Sr. Gadelha! Você não é bem-vindo nesse escritório. - levantei minha mão, cerrando o punho e dando mais um soco em seu rosto. — Podem leva-lo.

Ao saírem, comecei a andar de um lado para o outro da sala.

— Você está bem? - Lucas perguntou, ofegante e tocando o seu maxilar. Provavelmente os socos que havia levado estavam doendo.

— O que achava que estava fazendo? Quase quebrou minha sala inteira!

— O quê? - ele se aproximou, incrédulo. — Eu estava tentando te ajudar!

Aquele cara estava te atacando. O que queria que eu fizesse? Ficasse parado olhando ou simplesmente ter fechado a porta e voltado para a minha mesa?

— Era exatamente o que deveria ter feito! - falei alto. — Eu sei me cuidar. Eu teria me desvencilhado dele.

— Não acredito que estou ouvindo isso... Eu realmente não acredito! Eu te salvei de um ataque e de Deus sabe lá o que mais e você ainda reclama? - sua voz soou alta. — Não acredito! Quer saber, eu vou sair daqui.

— É bom mesmo. Pode ir. Não preciso de você!

— Ótimo então.

— Ótimo.

— Ótimo! - ele fechou a porta com força e raiva.

Sentei em minha cadeira, jogando meu corpo para trás. Talvez eu tivesse sido um tanto grossa. Mas eu estava estressada e com os nervos à flor da pele, caramba.

Resmunguei baixinho ao me ver levantando e indo atrás de Lucas. Ele procurava por algo nos armários perto das impressoras.

— Droga! - ele disse, fechando uma das portas com força. Foi quando percebi que tinha sangue um pouco acima da sua pálpebra superior.

— Você está sangrando.

— Eu sei. - ele disse carrancudo.

— A caixa de primeiros socorros está na parte de cima do primeiro armário.

Lucas abriu e finalmente encontrou o que procurava. Parecia atrapalhado com o algodão e o soro.

— Posso te ajudar?

— Estou bem.

— Não é o que parece.

Ele me olhou hesitante, mas logo concordou, encostando em um dos balcões para tentar ficar um pouco mais baixo para eu poder ajuda-lo.

— Ai! - ele disse, quando comecei a limpar.

— Eu... queria me desculpar por ter sido um pouquinho grossa.

— Um pouquinho?

— Um pouco.

Ele levantou o seu olhar.

— Ok. Eu fui totalmente grossa. É que... Não gosto que falem da minha família e você sabe o porquê. Eu fiquei com raiva de você, por ter insistido no assunto e acabei descontando no momento que não deveria. Tenho consciência de que se você não houvesse chegado, acho que não tinha dado

conta e o Guilherme poderia ter feito algo pior. A verdade é que não estou acostumada com pessoas dispostas a me defender. Sempre tive que tomar conta de mim mesma durante a minha vida toda. Então... Me desculpe e obrigada.

Terminei de limpar o machucado e coloquei um curativo no lugar.

— Eu aceito seu pedido de desculpas. Mas o que me intriga mesmo é você ter dito obrigada e desculpe em um único dia. A primavera começou, mas acho que vai chover e não é pouco.

Nós rimos.

— Não abuse do meu bom humor, ok?

— E a sua mão, como está? Você tem um belo gancho de direita, sabia?

— Agora, que a adrenalina diminuiu, está doendo um pouco. Mas valeu apenas.

— Obrigado por ter me ajudado com isso. - ele apontou para o curativo.

— Não tem de quê. Agora eu preciso ir. Tenho bastante coisas para fazer ainda. Inclusive, uma delas é exercitar meu poder de vilã.

— Claro. Como poderia passar um dia sem praticar esse seu poder, não é?

Lucas gargalhou. Acho que nunca tinha prestado atenção, mas o seu sorriso era realmente muito bonito. Antes de entrar na minha sala, o olhei por uma última vez. Encostado na bancada, braços cruzados, curativo na cabeça, um olhar doce... Meu coração então acelerou e eu fiquei preocupada com o que estava acontecendo comigo.



Capítulo XI

Lucas usava tênis, bermuda e uma regata branca. Sem todas aquelas roupas formais do escritório, ele ficava realmente bem bonito. E de onde vieram todos aqueles músculos?

— Jura que está vestindo roupas de manga para vir ao parque na primavera, Mariana?

— E o que é que tem?

— Anda, arregaça essas mangas. - ele falou, se aproximando.

— Não! - me afastei em um ato impulsivo. — Hum... Eu estou com um pouco de frio e... essa blusa nem faz tanto calor...

— Sei... - ele me olhou estranho. — Então... Sabe pedalar?

— Claro que sim. Mas por que está perguntando isso?

— Porque é o que vamos fazer agora. - ele apontou para o outro lado da praça, mostrando duas bicicletas. — São para nós.

— O quê? Não.

— Por quê?

— Da próxima vez que me chamar para sair pra falar sobre o nosso plano, vou me certificar de que está falando a verdade...

Lucas riu.

— Vamos lá, Mariana. O que pode acontecer com você andando de bicicleta? A menos que... Você não sabe pedalar.

— Claro que sei.

— Eu acho que não.

— Não me provoque, Lucas.

— Duvido que saiba andar e ainda mais, duvido que ganhe de mim em uma corrida. Uma volta inteira no parque. Se sabe mesmo, então não será um problema, certo?

Cerrei os olhos.

— Eu vou ganhar de você.

Em passadas longas fui até a bicicleta.

— Pronto para perder, senhorita Vasconcelos?

— É o que vamos ver.

— Pronta?

— Sempre.

— Em 3, 2... - queimei a largada. — Ei, assim não vale!

— Você não falou nada sobre contagem, então... - falei, em alta velocidade.

O vento no meu rosto me trazia uma sensação tão boa. Era como estar voando... Era como estar livre! Foram poucas as vezes que me senti daquele jeito.

Minhas pernas já começavam a cansar quando Lucas me alcançou.

— Quer desistir?

— Essa palavra não existe no meu vocabulário.

Forcei minhas pernas a irem mais rápido, mas a fadiga já havia me alcançado. Lucas então passou na minha frente e gargalhou de uma forma extravagante. Eu não podia deixar que ele ganhasse. Céus, eu não podia! Eu realmente não sabia perder... Com o resto de força que eu ainda tinha, pedalei o quanto pude e a menos de alguns centímetros da chegada, consegui passar na sua frente e ganhar a corrida.

— Isso! - eu comemorava sorrindo, saltando da bicicleta. — Falei que eu ia ganhar.

— Uau! Você realmente tem força de vontade. Aqui, bebe um pouco de água. - ele me lançou uma garrafinha de plástico.

— Tenho que dizer que isso foi bem legal. Faz algum tempo que eu não pedalo.

— Mesmo?

— Sim.

— Isso é legal. Hum... Eu queria te mostrar um lugar. É aqui mesmo no parque. Descobri há pouco tempo.

Eu e Lucas subimos nas bicicletas novamente e pedalamos lado a lado por uma trilha.

— Nunca cheguei a te perguntar isso, mas... Por que quis ir trabalhar na F-Corp? - perguntei.

— Isso seria uma entrevista para me mudar de cargo?

— Não. - eu ri. — É só uma curiosidade.

— Bem... Eu não sei... É uma das maiores empresas de marketing e design do país, certo? Todos desse ramo gostariam de trabalhar lá.

— E você gosta dessa nossa profissão?

— Sim, eu gosto muito. Na verdade, eu gosto mais da área de ilustração, mas o meu pai acha que só isso não dá dinheiro, então me fez fazer faculdade.

— E isso é bom?

— Sim. De toda forma é um jeito de me profissionalizar sem sair do que quero. Pelo menos é o que ele diz.

— O seu pai parece ser inteligente.

— É... Você nem imagina o quanto...

— Se eu pudesse escolher um homem no mundo para ser o meu pai, eu escolheria o Oscar Fischer.

— Sério? Por quê?

— Por quê? Está brincando? Ele é um homem incrível, você não acha? Construiu aquela empresa do zero, quando ninguém acreditava nele e olha só o império que construiu.

— É, olhando desse ângulo... Ele é realmente um cara admirável.

— Aprendi muita coisa com Oscar e espero ser tão grande quanto ele um dia.

— É verdade que ele é durão? É o que escuto as pessoas falando as vezes.

— Com quem é incompetente? Sim.

— Sério?

— Claro que não. O Oscar não maltrata ninguém, ele só tem que se impor, porque é o chefe e algumas pessoas veem isso como ser duro ou mau.

— Entendo...

— Por que esse interesse repentino no chefe? Quer pedir um aumento?

Lucas riu, mas sem mostrar os dentes.

— Não. É só que... — ele pensou um pouco. — Só queria conhece-lo melhor.

— Sei...

— Mas falando em conhecer... Posso perguntar uma coisa?

— Se eu disser não, você vai perguntar de todo jeito, então...

— O que aconteceu entre você e o Guilherme Gadelha?

— Ah... - dei de ombros. — Um dia ele chegou no escritório, pedindo ao Oscar que o ajudasse em um projeto e ele mandou o Guilherme para mim. Vamos combinar que Guilherme Gadelha é um homem bem bonito e muito sexy. Ele deu em cima de mim, não tinha porque me negar a aquilo, então cedi.

— Você... Se apaixonou por ele?

— Acho que paixão não é a palavra certa. Talvez uma atração muito forte. Não posso mentir, o tempo que passamos juntos foi ótimo. Éramos muito parecidos, então nos dávamos muito bem e aquele homem não deixava nada a

desejar. Você não tem ideia do quão másculo e viril ele é e era ótimo na cam...

— Ok. Não precisa de tantos detalhes. - Lucas fez uma careta. Eu ri.

— Enfim, tivemos um caso e quando o projeto estava pronto, contrato assinado... Ele desapareceu, sem pagar pelo trabalho. Não retornou minhas ligações, a secretária também não sabia onde ele estava... Simplesmente sumiu.

Passamos por um arco de árvores e logo depois subimos em uma pequena ponte. Aquele lugar era simplesmente incrível. Longe de tudo e de todos. Era como um paraíso de flores sem fim, de infinitas cores, tipos e eu não fazia ideia do porque estava gostando tanto daquilo.

— Uau!

— Pois é. Uau. - Lucas disse rindo. — Pensei que não gostasse de flores.

— E não gosto. Mas isso aqui... É lindo!

— Pensei o mesmo quando encontrei.

Descemos das bicicletas e ficamos parados na ponte, olhando tudo aquilo.

— Ele é realmente um canalha.

— O quê disse?

— O Guilherme. Ele é um canalha por ter feito isso com você.

— É.

— O que será que faz as pessoas serem assim, como ele?

— Acho que depende do destino de cada um. Eu por exemplo, a escuridão está marcada na minha alma.

— Não acho isso. Não acho que esse seja o seu destino. - Lucas virou-se para mim. Parecia zangado com o que eu tinha acabado de dizer. — Eu vejo muito mais além de toda essa escuridão que você quer transpassar para as pessoas. Há uma luz tentando ser vista aí dentro e eu sei disso porque já notei uma fresta brilhando pelo escuro.

— Não viu não.

— Vi sim. — sua feição zangada se amenizou em um sorriso. — Por algumas vezes eu vi essa luz querendo sair e uma delas foi agora. Quando viu essas flores, seus olhos brilharam.

— Foi? - perguntei um pouco boba.

— Sim. - Lucas tocou o meu rosto. — Eu gosto quando isso acontece. - ele então me puxou pela cintura para mais perto dele e quando já podia sentir seus lábios, me afastei.

— Hum... Está começando a ficar calor aqui, não é? Arregacei as mangas, prendendo o cabelo com as mãos.

— O que foi isso? - Lucas apontou para o meu braço.

— Nada. - o escondi com a blusa. — Não é nada.

Lucas falava de uma cicatriz que eu tinha no pulso.

— Como nada? Parece que foi grave. Faz muito tempo?

— Não aconteceu nada, ok?

Voltei para a bicicleta, mas Lucas me alcançou.

— Não é o que estou pensando, é? - seus olhos me fitavam de uma forma bastante preocupada. — Você já tentou se...

— O quê? Não! Acha que já tentei tirar a minha própria vida?

— É que... Uma cicatriz no pulso... Eu achei que...

— Eu lutei pela minha vida desde que nasci! Por que acha que eu faria isso? Nunca pensei que fosse pensar isso... Logo você... – falei, chateada, — Quer saber? Não importa. Não importa mesmo. - empurrei a bicicleta no chão, fugindo à pé.

— Mariana! - Lucas disse atrás de mim.

— Me deixa em paz! – esbravejei, com lágrima nos olhos e correndo de volta para casa. De volta para a minha escuridão.



Capítulo XII

Eu estava em um lugar escuro, não conseguia escutar nem enxergar nada. Era como um túnel infinito de escuridão. Calafrios me tomavam e meu coração parecia estar congelando. Uma luz então começou a surgir bem lá no final. Era brilhante de uma forma que eu nunca tinha visto. Comecei a andar em direção a ela, que a cada segundo ficava maior e mais brilhante. Quando atravessei aquela luz intensa, me vi em um campo infinito de flores. Tinham um cheiro simplesmente delicioso. Eu então senti alguém tocar meu ombro, era Lucas. Ele tinha uma flor verde em sua mão e colocou no meu cabelo. Sua mão continuou seguindo as linhas do meu rosto, do meu braço, até parar no meu pulso, acariciando minha cicatriz.

— Sabe qual o significado da cor dessa flor? - ele me perguntava.

— Não.

— Esperança. É o que precisa ter. Esperança de que tudo pode melhorar e de que aquela escuridão não vai voltar.

— Mas eu não consigo sozinha.

— Não precisa fazer isso sozinha. Eu vou estar aqui.

— Lucas, eu...

Triiim. O despertador tocou.

Meus olhos se abriram tranquilamente e eu me surpreendi com o que havia acabado de sonhar. Era o meu primeiro sonho bom em anos. Era a primeira vez que eu acordava leve pela manhã, sem gritos, sem choro...

— O que está acontecendo? - indaguei sozinha.



Enquanto saía do elevador, vi Cristina sentada em sua mesa.

— Olha só quem voltou.

— Bom dia, senhorita Vasconcelos.

— Como está o seu marido?

Cristina pareceu surpresa com a pergunta.

— Hum... Bem. Obrigada por perguntar...

— Que bom.

Me dirigi a minha sala e vi Lucas no final do corredor, sentado à sua mesa. Meu coração acelerou. Mas que inferno estava acontecendo? Ele correu até mim e entramos juntos na minha sala.

— Oi... - ele disse, cauteloso.

— Oi.

— Está bem?

— Sim.

— Me desculpe por ontem. Por pensar que... Você sabe.

— Tudo bem. Já passou. - me sentei à minha mesa.

— Mesmo?

— Aham.

— Então tá. - ele sorriu. — Você parece estar de bom humor hoje.

— Na verdade, eu estou sim. - o quê? O que eu estava dizendo? Eu precisava me manter firme e ser o que sempre fui. — Quer dizer... Por enquanto sim.

— Tudo bem...

Ouvimos uma batida na porta.

— Senhorita Vasconcelos. Hum... É que... Hum...

— O que foi, Cristina?

— Lembra daquele assunto que você não gosta de falar? - ela sussurrou.

— Sei e já disse que não quero ouvir nenhum recado.

— Mas é que não é recado. Nem telefonema.

— O que quer dizer com isso?

— A sua irmã está aqui.

— O quê? - levantei em um sobressalto.

— A sua irmã está...

— Isso eu já entendi. Mas o que ela faz aqui?

— Eu... Eu não sei.

— Então vá descobrir, Cristina!

— Mas é que ela está aqui.

— Eu já sei que ela está aqui. Você já disse isso.

— Não. Ela está aqui na porta.

— Aqui?

— É, eu estou bem aqui. - Paula disse, entrando.

Me vi sem reação ao ver minha irmã mais velha bem ali, na minha frente. Era incrível a nossa semelhança física, principalmente agora depois de adultas.

— Não vai me dar um abraço, Mari?

— O que faz aqui?

— Vim falar com você. Não retorna minhas ligações e a sua secretária não tem mais desculpas para dizer que você não pode me atender.

— O que faz aqui? - perguntei, congelada.

Paula riu.

— Eu já disse. Vim falar com você.

— Não posso.

— Por que não? Pelo que vejo, está livre. - Paula se aproximou. — Vim falar sobre a mamãe.

— Não quero ouvir. - coloquei as mãos no ouvido, como se fosse uma criança birrenta. — Sabe que não falo mais sobre ela.

— Mariana, nós precisamos conversar e é sério.

— Não, eu não vou. Eu não quero. - minha respiração começou a ficar pesada. Senti mãos me amparando. Era Lucas.

— Por que não escuta o que a sua irmã tem a dizer?

— Eu não quero.

— Só escuta, ok? Não tem que concordar ou discordar de nada.

— Eu não posso, Lucas...

— Pode sim. Você é uma mulher forte e pode enfrentar isso.

Olhei em seus olhos e lembrei do sonho. Do quanto me senti bem e segura ao seu lado. Respirei fundo e levantei a cabeça, me virando em direção a minha irmã.

— Vamos sair daqui. - peguei minha bolsa e fui até o elevador, seguida pela minha irmã mais velha.

Acabei levando Paula para o bar que eu e Lucas íamos ali perto e ao nos acomodarmos em uma das mesas, percebi ela me olhando com cuidado.

— Você está tão linda, Mari. Já se passaram anos! Eu estava com saudade.

— Você tem cinco minutos para dizer o que veio fazer aqui.

— Ok... Eu vim aqui porque aconteceu algo muito grave com a mamãe.

— Não me diga... - ironizei, revirando os olhos.

— Ela está com câncer, Mariana e é sério. Por isso te liguei tanto nos últimos meses. A mamãe não tem muito tempo de vida e... ela gostaria de falar com você.

— Isso está fora de cogitação.

— Posso terminar de falar? - ela disse, impaciente. — Olha só, a mamãe está prestes a morrer. Ela só quer uma chance de se desculpar pelo que fez.

— Se desculpar? Ouviu o que acabou de dizer? Eu não acredito nisso. Eu realmente não acredito que veio aqui falar isso. Depois de tudo que ela nos fez, Paula! Eu ainda não consigo entender como pôde perdoar ela. Como pode estar do lado dela!

— Ela é a nossa mãe.

— Ela é um monstro! - me exaltei. — Você mais do que ninguém sabe disso e tudo o que está acontecendo com ela agora, com certeza é porque ela merece.

— Mariana! - Paula me repreendeu. — Está sendo muito cruel. Eu acho que você deveria ser um pouco mais flexível e perdoar ela.

— Não me diga o que você acha que eu deveria ser. Não é ninguém para falar de mim. Pensei que você fosse a única pessoa nesse mundo que me entenderia e que sentia a mesma dor que eu. Mas pelo contrário, você se juntou com quem mais nos fez mal. Então que se dane. Que se dane você, que se dane aquela mulher!

Paula me olhava com os olhos marejados.

— Eu não reconheço mais você. - ela disse, amarga. — Se tornou uma mulher fria e parece que não restou dentro de você nada da minha irmãzinha que eu tanto amei e cuidei.

— Seus cinco minutos acabaram. - falei, me levantando. Mas antes de ir, disse mais algo. — Me tornei uma mulher fria sim e tudo o que eu tenho e conquistei hoje só consegui por ser assim. - senti meus olhos cheios de raiva e lágrimas.

— E será que valeu a pena?

— Muito. - limpei meu rosto, indo embora.

Depois daquela pequena discussão com a minha irmã mais velha, passei o dia péssima. Toda a leveza que eu tinha quando acordei havia ido embora completamente. Me sentia sobrecarregada.



De olhos fechados, eu estava perto da janela, quando alguém entrou.

— É a única no escritório, sabia?

— Não me importo.

— Parece que aquele bom humor foi embora...

— Não estou afim de brincar agora, Lucas.

— Ok. Desculpa. Hum... Como foi com a sua irmã?

Ao ouvir sobre o assunto novamente, me vi chorando.

— Ei, ei. - Lucas se aproximou, me aconchegou em seus braços.

— A minha irmã disse que não me reconhecia mais. Tinha que ver como me olhava... Eu também não entendo porque ela perdoou a Teresa.

— Teresa é a sua mãe?

— Sim.

— O que a sua irmã veio fazer aqui, afinal?

— Veio dizer que a Teresa está com câncer.

— Nossa! E é muito grave?

— Ela não tem muito tempo de vida... e quer se desculpar.

— E você não quer ir vê-la, acertei?

— Claro que não. Ela é um monstro! - me desvencilhei do abraço de Lucas e levantei a manga da minha blusa, mostrando a cicatriz. — Isso aqui foi ela que fez. Um dia, ela estava muito bêbada e eu tentei tirar a garrafa dela, mas caiu no chão. Ela ficou com muita raiva e pegou um dos cacos, me atacando e acabou cortando o meu pulso. Ela desmaiou de tão bêbada e eu sangrei até a Paula chegar. Quase morri naquele dia e hoje tenho que me esconder atrás de roupas, porque quem vê essa maldita cicatriz, me julga e acha que tentei tirar a minha vida.

— Mariana, olha só, eu sinto muito pelo que viveu, mas é a sua mãe.

— Ela não é a minha mãe!

— Ela é sua mãe sim e pode estar arrependida. Com certeza ela deve sofrer tanto quanto você ao lembrar do que fez com duas crianças e acho é por isso acho que ela merece uma segunda chance.

— Não, Lucas...

— Só me escuta, ok? Você só vai lá e ouve o que ela tem a dizer. Não precisa perdoar se não quiser. Só vai lá. A sua mãe está morrendo e talvez essa seja a última chance de vocês colocarem os pingos nos i's.

— Eu não consigo... - encostei minha cabeça em seu peito, tentando não chorar.

— Por favor.

Refleti por um instante. Talvez fosse bom ver aquela mulher e mostrar o quão forte eu tinha me tornado.

— Tudo bem. - falei, me endireitando e limpando as lágrimas. — Eu irei vê-la.

Capítulo XIII

Depois que Lucas me convenceu de ir ver Teresa, pedi a Oscar alguns dias de folga e ele, gentilmente, me concedeu. Foram quase seis horas de viagem de carro e eu sentia minhas mãos doerem de tanto apertar o volante. Me sentia ansiosa por tudo o que estava prestes a acontecer. Ao cheguei no hospital, fui direto para a ala onde Teresa estava. À menos de três passos até a porta, senti as minhas pernas travarem. Não conseguia sair do lugar, por isso me recostei na parede, apoiando as mãos no joelho e tentei respirar.

— Você é maior que tudo isso. Você vai conseguir. Vai conseguir. - falava sozinha.

— Mariana. - ouvi a voz da minha irmã. Ela estava na porta do quarto e parecia ter chorado alguns minutos antes. — Está se sentindo bem?

— Estou ótima.

— Se precisar de um tempo para entrar e...

— Eu estou bem. Só estava pegando um ar. Foi uma viagem longa... - falei, me aproximando.

Enquanto ia até a porta, respirei fundo mais uma vez e entrei. Teresa estava deitada em uma cama de hospital, com vários equipamentos ligados ao seu corpo. Sua cabeça estava coberta com um lenço e ela estava tão diferente daquele mostro que eu sonhava constantemente... Ela parecia frágil e inofensiva.

— Ela acabou perdendo o cabelo por causa da quimioterapia. - Paula se aproximou dela. — Mãe?

Teresa então abriu os olhos e olhou em minha direção. Ela parecia confusa, mas logo seus olhos se encheram de lágrima.

— Mariana? Oh meu Deus, Mariana! – ela fez uma pausa. — Você virou uma mulher linda!

— O que quer comigo? Com certeza não me chamou aqui para falar o quanto mudei. – disse, fria.

— Tem razão. E tem todo direito de não ter bons sentimentos por mim. Mas eu só queria pedir desculpas por tudo que fiz, filha.

Uma risada escapou da minha boca.

— Quer pedir desculpas? Acha que apenas um pedido de desculpas vai resolver tudo? - minha voz se elevou. — Você não tem ideia dos traumas que me causou! Eu não consigo dormir de noite porque sonho constantemente com as surras que você dava naquela garotinha frágil e totalmente inocente. Foi por sua culpa que a minha vida virou de cabeça para baixo. Você me fez procurar refúgio nas trevas e, por causa disso, hoje vivo no escuro. Você acabou com a minha vida! Eu te odeio! Eu te odeio! – gritava, me afogando nas minhas próprias lágrimas.

Senti mãos suaves e familiares me tocando. Paula me abraçava como fazia quando éramos crianças. Não recuei, pois eu precisava daquilo. Então senti outra mão, agora gélida, segurando a minha. Ela me puxava e por mais que eu tentasse resistir, fiz o que ela queria. Teresa me puxou para um abraço e um choro copioso saiu da minha garganta enquanto ela fazia carinho em meus cabelos.

— Por que fez isso comigo? - perguntei, soluçando. — Eu era só uma criança!

— Eu sinto muito. Sinto muito pelo que fiz com as duas. Não sabem o quanto sofro todos os dias ao lembrar do que fiz. Não sabe o quanto sofro ao lembrar que te deixei sangrar e quase morrer porque estava bêbada demais para te ajudar, Mariana.

Nós três então começamos a chorar.

— Vocês não se parecem nada comigo. Não existe um traço meu em vocês e nunca vão entender, mas quando olhava nos seus olhos, eu via o pai de vocês. Uma raiva incontável me tomava porque eu lembrava de tudo o que ele fez. Era como ver ele na minha frente.

— Era por isso que nos batia então, mãe? - Paula perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Então queria nos punir porque seu marido não te queria mais? É isso? - indaguei, me afastando.

— Não, Mariana, não. É que...

— É que o quê? Fala de uma vez! Eu não aguento mais isso.

— O seu pai não foi embora porque ele quis. Ele foi porque eu o mandei ir.

— O quê? Você nunca tinha me contado isso. - Paula parecia surpresa, assim como eu.

— Quando a Mariana nasceu, vimos que os nossos gastos iriam aumentar, era inevitável. Por esse motivo, o pai de vocês queria entrega-las para a adoção.

Eu nunca ia deixar que aquilo acontecesse, por isso ele me mandou fazer uma escolha. Ou era ele ou vocês e, sem nem titubear, eu o mandei embora. Vocês eram o meu bem mais precioso, como poderia manda-las para longe de mim? — Teresa suspirou. Talvez aquilo tudo a estivesse deixando cansada. — Mas logo acabei ficando deprimida com a nossa situação... Comecei a beber e depois...

— Mãe, eu não sabia disso.

— Não queria falar essas coisas a vocês, Paula. Mas também não foi um motivo ou uma desculpa justa para fazer aquilo com duas crianças. Eu sei que não mereço, mas gostaria que me desculpassem. — ela me olhou. — Mariana, me desculpe.

— Eu... Eu não sei se posso.

— Por favor, filha! Estou morrendo. Sei que não mereço, mas preciso saber que antes de ir embora, as minhas filhas me perdoaram.

— Eu te perdoo, mãe. - Paula se apressou em dizer. — Eu te perdoo do mesmo jeito que sei que você perdoaria qualquer coisa que eu fizesse.

— Obrigada, filha. - Teresa beijou a mão da minha irmã e logo direcionou o seu olhar para mim novamente. — Mariana...

— Eu não consigo. Desculpa, mas eu não consigo. - falei chorando, andando pelo quarto.

— Tudo bem. Tudo bem, filha...

Uma das máquinas então começou a fazer um barulho diferente e Teresa parecia não estar bem.

— Mãe? Mãe? - Paula dizia, saindo em seguida pelo corredor, pedindo por ajuda.

Eu, sem saber muito o que fazer, me aproximei de Teresa, instintivamente. Ela olhou nos meus olhos, do jeito que fazia quando eu era criança, mas ao invés de ódio, vi amor nos seus olhos.

— Eu te amo, filha. - ela balbuciou.

— Teresa? - segurei suas mãos e ela sorriu, fechando os olhos. — Não, não, não. Mãe? Mãe! - meus olhos se encheram de lágrimas. — Eu te perdoo, ok? Eu te perdoo por tudo. Mãe? Mãe!

As enfermeiras entraram no quarto, me expulsando dali. Me juntei a Paula em um abraço esperançoso e ao vermos que mais nada podia ser feito, ela desabou no chão. Eu a abracei o mais forte que pude. Conseguia sentir o seu corpo inteiro tremer no ritmo do seu choro.

A nossa mãe havia morrido e eu chorava por ela. Eu tinha perdoado

ela. De alguma forma, meu coração estava mais leve, mas ao mesmo tempo apertado. Não queria que aquilo tivesse acontecido. Por mais que eu houvesse a odiado por toda uma vida, eu queria a minha mãe. Eu queria ela perto de mim e agora não seria mais possível.



Capítulo XIV

No meu apartamento, eu estava a horas sentada, sem fazer absolutamente nada. Depois de ter ido ao hospital ver a minha mãe por uma última vez, acabei voltando para casa e lá eu fiquei. Faziam dois dias que eu não saía daquele sofá.

A campainha de casa tocou e eu permaneci no mesmo lugar. A pessoa do outro lado da porta insistia em toca-la, por isso acabei indo ver quem era. Ao abrir a porta, dei de cara com Lucas. Ele estava com sua a gravata nas mãos e alguns botões da camisa abertos. Sua expressão era de aflição e ao me ver na sua frente, me abraçou sem nem pensar duas vezes.

— Meu Deus! - ele ainda tinha seus braços ao meu redor. — O que aconteceu, Mariana? Fiquei preocupado, sabia? Faltou dois dias no trabalho e não respondeu minhas mensagens! Por que fez isso? Eu quase não consegui trabalhar hoje. Pensei que sei lá... Tinha sofrido algum acidente... - ele se afastou, mas ainda segurando meus ombros, olhando meu rosto. — Desculpa chegar assim, mas é que fiquei preocupado. Você está bem?

— Eu... não sei responder. Entra.

Fechei a porta e voltei para o sofá. Lucas veio atrás de mim, sentando ao meu lado.

— Como foi com a sua mãe? - ele perguntou, cauteloso.

— Eu descobri muitas coisas lá... Muitas! E também tive a oportunidade de colocar o que eu sentia para fora. No final das contas, acho que foi importante para mim ter ido lá.

— E como ela está?

— Ela se foi.

— Nossa... Eu sinto muito.

— É... Eu também. Antes de acontecer, ela me olhou com doçura, Lucas, e disse que me amava. Não sei dizer como, nem porque, mas algo mudou ali. Eu senti que havia perdoado ela e que queria ficar ao seu lado. Mas já não tínhamos mais tempo. - senti meus olhos marejados. — Não consegui sentir mais vontade de ir trabalhar depois do que aconteceu... Logo o meu trabalho,

que é o que me faz sentir viva. – soltei o ar pela boca. — É estranho dizer que não consigo fazer nada? É como se eu estivesse anestesiada... Como se fosse mentira que tudo isso aconteceu...

— Não, não é estranho e acho que te entendo. Você é um ser humano e tem direito de sentir coisas que nem sabia que um dia poderia.

Virei em direção a Lucas e ao olhar em seus olhos, senti os meus se enxerem de lágrima mais uma vez.

— Ei... Vai ficar tudo bem. - ele passou sua mão pelo meu rosto.

— Não é isso... É que... Com todo esse tempo aqui, sozinha, eu tomei uma decisão e preciso te contar.

— Decisão...?

— Lucas, você não tem ideia do quão perturbador é se sentir só. Antes eu achava que esse era um meio de fazer com que ninguém pudesse me machucar e de me sentir mais forte, mas não é. Depois que nos aproximamos, percebi o quanto que é horrível não ter alguém para conversar... O quanto é terrível não ter alguém como você por perto, nem que seja para encher o meu saco. – juntei as mãos em frente ao meu rosto. Tentava achar forças para falar. — O que estou tentando dizer é que não quero mais ficar sozinha, mas também não quero que faça mais nada que não queira por minha causa.

Ele se acomodou melhor no sofá.

— Não estou entendendo.

— Estou falando do plano contra a Luiza. Eu sei que nunca quis fazer parte disso e você está certo. Você é uma pessoa boa, não merece ir por esse caminho.

— Você também é...

— Não, eu não sou.

— Então por que você não tenta mudar e abandona esse plano junto comigo?

— Eu não posso. Você não entende. - desviei o olhar, tentando não chorar.

Lucas segurou o meu queixo de forma gentil e levantou o meu rosto, me fazendo olhá-lo.

— Então me faça entender.

Respirei fundo.

— Eu e a Luiza nos conhecemos na faculdade e acabamos ficando muito amigas.

— Amigas?

— Sim. Éramos inseparáveis e uma dupla perfeita. Éramos as melhores da turma. Mas um dia, eu comecei a perceber que as pessoas e os professores

sempre elogiavam muito mais ela. A Luiza sempre era escolhida para ficar afrente dos grupos, de projetos importantes...

— E você tinha inveja?

— A princípio eu não entendia que era isso o que eu sentia. Na verdade, eram apenas as trevas que já existiam em mim querendo se manifestar. - suspirei.

— Consegui dominar aqueles sentimentos ruins por algum tempo, até que conheci um cara na faculdade. Ele era incrivelmente interessante. Nos tornamos grandes amigos e a sua companhia me fazia bem demais. Foi quando eu vi que estava apaixonada por ele e não era qualquer paixão.

— Foi o seu primeiro amor?

— Sim. O meu coração parecia que ia explodir quando eu o via.

— Mas...

— Mas um dia, eu o vi perto da Luiza e no dia seguinte, ele me contou que estava apaixonado por ela. Não tem ideia do que eu senti ali. Era devastador... - senti uma lágrima correndo pelo meu rosto e limpei rápido. — Acabei me afastando dos dois e com um tempo, eles ficaram juntos.

— Então é por causa disso que a odeia tanto?

— Também. Na verdade, isso foi a gota d'água. Eu sentia inveja que ela tivesse alguém para ama-la e eu não. Como eu poderia ficar ali, assistindo-os trocar juras de amor enquanto o amor da minha vida havia sido tirado de mim?

— Eu sei que deve ter doído muito, mas...

— Ela não merece ter um final feliz, Lucas. Eu sim! A vida e as pessoas já tiraram muito de mim, então por que eu não posso ter tudo que quero agora? Será que não tenho o direito de ser feliz também?

— Claro que sim, Mariana. Mas não pode destruir a vida de uma pessoa para isso. É errado!

— Não me importo se é errado, Lucas. Ter que ver ela todos os dias é insuportável! Ela vem me perturbando durante todos esses anos... Tanto na faculdade quanto no meu trabalho. Só quero que ela sofra tanto quanto eu, não me importo com as consequências. Por isso não quero que você participe mais disso. Não quero que se suje com mais nada. Essa luta é minha, não sua.

Lucas parecia pensativo, passando as mãos pelo cabelo, mas então ele me olhou e segurou firme as minhas mãos.

— Não. Vou continuar com você.

— Não precisa fazer isso, eu já falei. E se a sua preocupação é o seu emprego, pode ficar tranquilo, não vou te demitir como falei antes.

— Não, não é isso. Eu quero continuar ao seu lado. Eu te ajudo e você não me ajuda, esqueceu?

Nós rimos. Aquilo já havia se tornado a nossa piada interna.

— Começamos isso juntos e vamos terminar juntos. Ok?

— Ok. - encostei minha cabeça em seu peito e por mais que naquele momento eu não parecesse aquela mulher forte e sem medo que eu gostava de transparecer, não me importei, pois sentia que podia ser o que quisesse na frente de Lucas, porque sabia que ele não me julgaria por isso.

Também não fazia ideia do porquê de Lucas começar a me apoiar agora, mas eu realmente estava agradecida. Não queria me sentir sozinha. Nunca mais!



Capítulo XV

- Bebia o meu cappuccino pela manhã, quando alguém bateu na porta.
- Entre. - falei, concentrada, estudando um projeto de outro cliente.
- Estou atrapalhando? - um sorriso enorme e lindo estava bem na minha porta.
- Bernardo! – levantei para cumprimenta-lo. — Pode entrar! Claro que você nunca atrapalha.
- Como está? - ele perguntou, vindo até mim e me dando um abraço. Mas que homem cheiroso!
- Bem e você?
- Estou ótimo e ansioso. O projeto da nova linha de relógios está quase pronto.
- Sim, claro. Está ficando lindo.
- Pois é. Hoje é a minha última reunião com a Luiza antes dela me mostrar a versão final.
- É verdade. Ela falou algo sobre isso na reunião. – mexia no meu brinco, inquieta. Falar sobre Luiza por mais de cinco segundos era irritante.
- Fiquei feliz quando soube que você tinha ido para a equipe da Luiza. O seu trabalho é incrível, Mariana.
- Obrigada. - finalmente sorri.
- Eu nunca tinha entrado na sua sala. - ele disse, indo até a janela com vista para a cidade. — É muito autêntica, igual a dona.

As palavras de Bernardo me fizeram sentir que aquela talvez fosse a oportunidade de seguir com o meu plano contra Luiza e uma das partes era exatamente não deixar que ela ficasse com Bernardo.

Me aproximei dele.

- Você acha que eu sou uma mulher autêntica?
- Com certeza! E eu também vejo muita força, elegância e poder em você.
- Que tipo de poder? - levantei uma das sobrancelhas, o encarando.
- Ah... Você é uma mulher poderosa e parece ser bem decidida com o que

quer. É ambiciosa.

Fiquei em frente a Bernardo de um jeito que ele ficou encurralado entre a janela e eu.

— E isso é bom?

— É ótimo.

Aproximei meu rosto do dele.

— E dentro de toda essa ambição e poder, você acha que existe algo um pouco mais... sedutor?

Percebi Bernardo ficando nervoso. Gotículas de suor começavam a se formar em sua testa enquanto ele tentava formar alguma palavra em sua boca.

— Hum... Eu-eu acho que você é bem sedutora...

— É mesmo...?

— Sem tirar nem por.

Uma risada de satisfação saiu da minha boca.

Me aproximei ainda mais de Bernardo e enquanto mexia no botão do seu blazer, o senti hesitante, como se algo não o permitisse em prosseguir, mas ainda assim percebi que o seu olhar passeava pelo meu rosto, se detendo várias vezes em minha boca.

Quando resolvi finalmente seguir a diante e levar os meus lábios até os dele, já sentindo o seu perfume ainda mais acentuado, a porta se abriu.

— Oh... - Lucas estava parado na porta, boquiaberto. Ele nos olhava sem entender o que estava acontecendo.

— O que quer, Sr. Muniz?

— Eu... Hum... - Lucas franzia o cenho, tentando se concentrar no porquê estava ali. — Eu vim te entregar um documento. O Sr. Fischer que mandou.

— Pode deixar aqui na mesa.

— Ok.

Ao se aproximar, evitou contato visual, colocando os papéis na mesa e indo embora logo depois.

Me virei novamente para Bernardo, que parecia secar a testa com a mão, um pouco nervoso.

— Eu preciso ir. A Luiza já deve estar me esperando.

— Claro.

Enquanto ele ia até a porta, o acompanhei.

— Podíamos marcar aquele jantar, não acha? - perguntei, esperando um sim.

— Sim, seria ótimo.

— O que acha de domingo?

— Pode ser. Eu conheço um restaurante ótimo.

— Perfeito.

— Eu mando o endereço para a sua secretária e então nos vemos lá.

— Mal posso esperar.

Bernardo sorriu, saindo da sala.

Da minha porta, o observei seguindo pelo corredor, até cruzar meu olhar com o de Lucas. Fiz sinal para que viesse até a minha sala. Ao entrar, eu o abracei.

— As coisas estão começando a dar certo!

— É...? Por que diz isso? - ele parecia desconfiado.

— Porque eu e o Bernardo vamos jantar domingo à noite.

— Mesmo? E... O que vocês vão fazer lá...?

— Jantar, ué. Mas depois do jantar... Você não precisa saber. – falei, rindo.

Notei o seu semblante um pouco triste.

Prossegui.

— É o seguinte, eu já pensei em tudo. Nós vamos armar para a Luiza me ver com o Bernardo no restaurante e não é como amigos, obviamente. Quero que ela veja um beijo nosso.

— E onde eu entro nisso?

— Você tem acesso a vários documentos aqui. Preciso que ache um que tenha a assinatura do Bernardo e que você faça um bilhete como se fosse ele, convidando a Luiza para um jantar, no mesmo dia e hora do meu com o Bernardo.

— Quer que eu falsifique algo?

— Lucas, eu já falei que não precisa fazer. Está livre agora.

Ele colocou as mãos na cintura, parecia em dúvida.

— Não, tudo bem. Eu faço.

— Então tá.

— E depois?

— Eu conheço a Luiza, ela não vai querer mais olhar na cara do Bernardo depois de nos ver juntos e, como em um jogo de xadrez... Xeque... Depois disso vamos seguir para a segunda jogada.

— Que seria...

— Amanhã o projeto da nova linha de relógios vai estar pronta e o Bernardo vem aqui aprovar a versão final. Depois disso vamos invadir o computador da Luiza na sala dela e mandar o projeto inteiro para a Astro.

— O quê?

— Isso mesmo. Tenho certeza que assim que eles receberem esse material vão soltar sobre a nova linha de relógios, que agora será deles. O Oscar vai ver, vasculhar os computadores da empresa e saberá que foi a Luiza. No mínimo ela será demitida e eu finalmente vou me ver livre daquela mulher e terei a minha vingança. E xeque-mate.

Lucas passava a mão pelo rosto, andando freneticamente pela sala.

— Isso não é certo... Isso pode acabar com a imagem da empresa. Um projeto inteiro, que teve contrato assinado, sob sigilo, sendo vazado para a maior concorrente do nosso cliente... Já pensou nos efeitos colaterais que isso pode causar a empresa?

— O Oscar sabe cuidar disso. Já aconteceu uma vez e ele soube driblar a situação. O que importa é que a Luiza vai sair do jogo e eu serei a nova diretora de arte dessa empresa.

— O que você está fazendo para merecer esse cargo?

— O que disse?

— O que está fazendo para merecer esse cargo? - ele disse firme. — Você agora só se dedica em tentar derrubar a Luiza... Todos os seus projetos estão atrasados. Já pensou se o Oscar não te colocar como diretora de arte?

— É claro que ele vai. Faz seis anos que trabalho nessa empresa. Muita gente que trabalhava aqui enquanto eu ainda era uma estagiária já saiu. Além de mim, só a Luiza trabalha aqui a mais tempo. O Oscar sabe do meu potencial, ele não faria isso.

Lucas estava completamente inquieto.

— Mariana, por que não desiste desse plano suicida? Já pensou se descobrirem que foi você?

— Não vão.

— Mas e se acontecer? - ele perguntou, preocupado.

Me aproximei dele, segurando o seu rosto entre as minhas mãos.

— Lucas, não vão descobrir. Eu vou me assegurar disso. Olha... Por que você não sai disso tudo? Eu faço sozinha.

— Não, não. Eu já disse. Não vou te deixar sozinha nisso. Vou agora procurar a assinatura do Bernardo e fazer o bilhete. - ele respirou fundo, saindo da sala.

— Ei! Obrigada.

Ele retribuiu com um sorriso tímido, fechando a porta atrás de si.

Tudo estava começando a dar certo, mas algo me incomodava. Lucas estar participado de toda aquela sujeira. Ele não precisava passar por isso. Por

parte ele estava certo, alguém poderia descobrir que foi eu, por isso ele não podia estar envolvido em nada. Ainda não sabia como, mas precisava fazer com que ele ficasse o mais longe possível de tudo aquilo, mesmo que ele não quisesse.



Capítulo XVI

Na sala de reuniões, Luiza nos apresentava o resultado final da nova linha de relógios da Montalene.

— Bem, pessoal, eu chamei vocês aqui hoje porque é a nossa última reunião nesse projeto. Na verdade, eu diria que é bem mais uma conversa. O nosso projeto ficou incrível, com a ajuda da Mariana apresentamos o nome Khronos para ser a nova linha da Montaleone e o Bernardo simplesmente amou. Durante todas as reuniões que eu tive com ele, sempre pareceu muito empolgado e satisfeito. Hoje eu irei mostra-lo o projeto final, mas é quase certeza que ele irá aprovar. Por isso só tenho a agradecer-los por tudo. Vocês são incríveis.

Todos começaram a bater palmas e a comemorar. Revirei os olhos e os acompanhei, batendo palmas bem entediadas.

Enquanto todos se abraçavam, vi a oportunidade certa para sair dali.

— Mariana. - Luiza disse, vindo atrás de mim. — Posso falar com você?

— Já está. – cruzei os braços em frente ao peito.

— Eu queria te agradecer por ter aceitado fazer parte da minha equipe. Você foi muito importante para a concepção desse projeto e preciso te agradecer, principalmente por em alguns momentos ter pego as rédeas da situação. Algumas vezes eu me vi um pouco perdida, sem saber como ser a chefe de um grupo tão grande e você fez isso brilhantemente. Por mais que estejamos disputando um cargo maior nessa empresa, quero dizer que você merece tê-lo. Não sou eu quem decido, mas talvez eu não esteja pronta para isso e o Oscar sabe. Então... Boa sorte.

Olhei para ela e queria bater naquela cara de porcelana. Não, ela não iria me enganar. Ela podia se passar de boazinha com qualquer outro, menos comigo.

— Obrigada. - falei, indo embora.

Desci um pouco irritada com o que tinha acabado de acontecer, mas sempre pensando no meu próximo passo. Enquanto ia até minha sala, pedi que Cristina me acompanhasse.

- Sim, senhora.
- Entra aqui e fecha a porta.
- Tudo bem. - ela fez o eu disse. — A senhorita precisa de algo?
- Sim. Preciso que faça uma coisa por mim.
- Claro, é só dizer, senhorita Vasconcelos. - ela falou, pegando a agenda e a caneta.
- Não, não, Cristina. Não precisa anotar, só presta atenção. Hoje, quando todos e principalmente a Luiza forem embora, você vai me avisar, tudo bem?
- Sim. Mas... porquê?
- Não precisa saber de mais nada. É melhor para você.
- Ok, então.
- Já pode ir e não esquece.
- Sim, senhora. - ela disse saindo.



Já era noite e eu não conseguia me concentrar em mais nada, apenas na tampa da caneta que mordida sem parar e no pen drive que eu apertava em minha mão. Eu já havia pego o projeto da Khronos no notebook hackeado de Luiza ia mandar tudo para a Astro mais tarde no computador da empresa da sala de Luiza e tudo precisava sair do jeito que eu havia planejado.

Alguém bateu na porta e eu esperava que fosse Cristina.

- Olha só quem está aí. - Lucas entrou, animado. — Já soube que o projeto foi aprovado pelo Bernardo?
- Já era de se esperar.
- Todo mundo está falando que ficou incrível. – ele sorriu. — Khronos, a nova linha de relógios Montaleone... Soube que foi você quem deu a ideia do nome. Eu gostei muito.
- Uhum...
- Khronos... Quis fazer referência ao Cronos, o deus grego do tempo?
- Sim.
- Isso foi bem legal. - ele disse, empolgado.
- Uhum.
- O que está acontecendo com você? Está estranha e falando pouco...
- Não é nada... Estou bem.
- Tem certeza?
- Sim. E a assinatura do Bernardo, conseguiu?
- Sim. Já fiz até o bilhete.

- Ótimo.
- Se você quiser, posso arrumar um jeito de entregar a Luiza.
- Acho melhor não. É arriscado.
- Tudo que fizemos foi arriscado e eu conheço um entregador. Você nunca vai conseguir fazer isso funcionar melhor do que eu.
- Tudo bem. - sorri.
- E quando vamos invadir o computador da Luiza?
- Segunda. - menti. Não queria que Lucas participasse daquilo.
- Então tá. Já está na hora de ir embora. Você vem?
- Sim, mas não agora. Preciso adiantar algumas coisas... Alguns... projetos.
- Precisa de ajuda aí?
- Não. Eu dou conta.
- Tudo bem. Hum... Você vai mesmo jantar com o Bernardo?
- Vou.
- Ok... Bom final de semana então.
- Para você também.

Assim que Lucas saiu, Cristina entrou na minha sala.

- Todos já foram, inclusive a Luiza, que acabou de sair.
- Ótimo. Vem comigo.

Sai da minha sala e fui em direção a de Luiza.

- Fica aqui fora e a qualquer sinal de alguém chegando, me avisa.
- O que a senhora vai fazer?
- Já falei, Cristina. Quanto menos souber, melhor.

Entrei na sala e fui direto para o computador. Sentei na cadeira e respirei fundo. Ao ligar o computador, foi pedido uma senha.

- Sacanagem! Tinha esquecido disso...

Comecei a girar na cadeira, pensando qual poderia ser.

- Será que a sua senha é a mesma de sempre...?

Digitei a senha que Luiza sempre usava na faculdade, 032018 e, para a minha surpresa, o computador abriu.

- Isso!

Pluguei o pen drive no conector, abri o e-mail de Luiza e enviei todo o projeto para a Astro.

- Agora é só esperar e na segunda a minha jogada estará completa. - comecei a rir sozinha, empolgada.

Ao sair da sala, encontrei a minha secretária completamente tensa.

- Relaxa, Cristina.

- Estou tentando.
- Preciso que faça mais uma coisinha para mim. Não dizer a ninguém que vim aqui e que isso aconteceu, ok?
- Sim, senhora.
- Agora vamos embora logo, antes que o horário da Luiza não bata mais.
- O horário da Luiza?
- É... Mas deixa para lá, Cristina. Vamos sair daqui.



Era domingo e consequentemente o jantar com Bernardo. Tinha acabado de estacionar o carro em frente ao restaurante e enquanto me olhava no espelho do retrovisor, falava sozinha.

— Eu sou melhor do que posso imaginar e posso fazer tudo o que quero. Custe o que custar.

A porta do meu carro se abriu abruptamente e alguém vestindo roupas e capuz preto entrou no meu carro. Me assustei.

— Recitando o seu mantra?

— Mas que diabos... O que está fazendo aqui? - perguntei, assustada.

— Nossa! Você está... linda.

— Como me achou, Lucas?

— Eu que fiz o bilhete para a Luiza, lembra? Eu sei o endereço do restaurante.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim te impedir de fazer uma burrada. Não posso deixar você fazer isso... Machucar a Luiza... Prejudicar ela e a empresa dessa forma. Não vamos invadir o computador dela amanhã.

— Eu já fiz o que tinha de ser feito, Lucas.

— O que? Não, não, não. Do que está falando?

— Eu precisava te deixar fora disso e tenho que manter você o mais longe possível de mim. Não quero te contaminar com a minha escuridão.

— O que você fez, Mariana?

— Eu mandei para a Astro todo o projeto por e-mail, no computador da Luiza.

— Você... - ele parecia confuso, finalmente tirando o capuz da cabeça. — Quando fez isso?

— Na sexta, assim que todos saíram.

— E por que não me disse?

— Os seus olhos brilham tanto, sabia? E eu quero poder salvar essa luz que há dentro de você.

Lucas passava as mãos pela cabeça. Parecia não acreditar no que tinha acabado de escutar.

— Ok. Hum... Olha só... O que aconteceu já foi. Agora você ainda tem a chance de não entrar naquele restaurante.

— Eu não posso.

— Pode sim. - seus olhos me olhavam de uma forma desesperada. — Você pode mudar, ser outra pessoa.

— As pessoas não mudam da noite para o dia. Elas são o que sempre foram e eu fui destruída desde pequena, Lucas. Minha vida, minhas motivações... Tudo o que eu sou veio da dor.

— Você deveria acreditar mais na capacidade de mudança das pessoas. Acreditar mais em você.

Lucas então segurou o meu rosto entre as suas mãos e me beijou. Os lábios dele eram doces como mel, os seus movimentos eram mais delicados que uma pena, mas ainda assim tudo aquilo era quente e vigoroso. Aquele beijo cáldo com certeza tinha derretido o gelo do meu coração.

Enquanto passava minha mão pelo seu rosto, percebi que era aquilo que eu realmente queria, mas ainda assim não fui adiante.

— Nós não podemos. - falei ao me afastar, ainda com os olhos fechados. — O que há de mau em mim já enraizou a muito tempo... Não quero te machucar, Lucas. - senti a minha voz embargada.

— Eu não entendo... Sei que você sente o mesmo que eu. Eu sei, Mariana. Quando te conheci, senti algo estranho... Era como se eu tivesse o dever de te proteger, de estar perto, mas um tempo depois foi como se, na verdade, eu que precisasse ter você perto de mim. Olha só. - ele falou apressado, pegando a minha mão e colocando em seu peito. — Quando estou perto de você, meu coração acelera de uma forma que nunca aconteceu antes. Eu preciso de você. Eu quero você, Mariana.

— Eu também preciso de você... Mas não podemos ficar juntos, Lucas. - senti meus olhos se enxerem de lágrimas.

— Por que não? Você gosta do Bernardo, é isso? Por isso quer tanto entrar naquele restaurante?

— Não, eu não gosto dele. - me apressei em falar.

— O que sente por ele de verdade?

— Eu não sei. Ele é um cara maravilhoso, mas acho que quero entrar naquele

restaurante apenas por ter a sensação de não deixar que a Luiza fique com ele.

— Então se não gosta dele, o que te impede de ficar comigo?

— Já falei. Não quero manchar o que há de bom em você.

— Não estou nem aí se isso acontecer. Eu só me importo com você, porque estou apaixonado.

— Não posso deixar isso acontecer.

— Então por que não muda também?

— Já falei que não dá. Essa sou eu.

— Mariana...

— Por favor, Lucas. Sai do carro. - falei, enxugando a minha bochecha com as costas da mão. — Por favor.

Ele demorou por alguns segundos, mas logo colocou novamente o capuz e saiu. Mas antes que fosse embora, voltou até a janela.

— Você acha que é um monstro, mas não é. Dentro de você há algo lindo. Eu já pude ver várias vezes, sabe disso. Agora cabe a você enxergar e decidir se deve deixar florescer ou arrancar pela raiz.

Lucas então foi embora e ao vê-lo se afastar, comecei a chorar. Coloquei as mãos no rosto, tentando parar, mas era inevitável. Lucas tinha acabado de dizer que estava apaixonado por mim e eu finalmente tinha admitido que também estava por ele. O que poderia ser pior do que vê-lo ir embora?

Me acalmei, respirei fundo e retoquei a maquiagem. Ao ver que eu estava recomposta, sai do carro e fui para o restaurante.

Assim que entrei, vi Bernardo sentado à uma das mesas, impecável como sempre. Minhas pernas então travaram e comecei a lembrar do que Lucas havia dito. Que dentro de mim existia, sim, algo lindo e que agora cabia a mim decidir se devo deixar florescer ou arrancar pela raiz. Um conflito começava dentro de mim. Eu não sabia se ainda queria machucar Luiza daquele jeito, por mais que fosse o que eu sempre desejei durante todos aqueles anos.

Andava de um lado para o outro na recepção do restaurante, quando vi o carro de Luiza estacionando. Imediatamente me escondi atrás de uma das cortinas e deixei que ela fosse até Bernardo. Eu havia feito a minha escolha. Os observei e eles pareciam confusos com o encontro. Provavelmente Bernardo revelou que não tinha mandado nenhum cartão convidando-a para

um jantar. Ainda assim, eles continuaram no restaurante e pareciam felizes de se encontrar.

Eu então voltei para o carro e por um longo tempo fiquei pensando no que tinha acabado de fazer. Era estranho saber e entender que eu havia desistido de algo, que eu mesma havia planejado minunciosamente, por causa de outra pessoa.

O que diabos estava acontecendo comigo?



Capítulo XVII

Eu com certeza estava me sentindo diferente, não só por dentro como por fora. Resolvi ir trabalhar de calça jeans, moletom e quase nada de maquiagem, coisa que nunca havia feito antes.

Ao entrar no escritório, percebi muitas pessoas me observando, uma delas foi Cristina.

— A senhora está bem?

— Sim, Cristina. E pode me chamar de Mariana.

A minha secretária ficou ainda mais confusa.

— Tem certeza que está bem?

— Sim. Onde está o Lucas?

— Na mesa dele.

— Ok. Obrigada.

Segui até o fim do corredor e ao me aproximar de Lucas, ele pareceu surpreso ao erguer o seu olhar para mim.

— Você está diferente.

— Me sinto diferente.

— Então... Fez o que queria? - ele perguntou, um pouco emburrado, voltando a atenção para o computador e digitando com força no teclado.

— Não.

Ele parou de digitar de forma brusca, agora olhando em minha direção.

— O que disse?

— Não consegui seguir a diante. Aquilo que você me falou... Bem, quero que floresça o que há de bom dentro de mim, por mais que eu ainda não veja o que é.

— Mas é exatamente isso. - ele levantou. — Você não fez porque sabe que é errado. É um ato bondoso. - ele sorriu. — Estou feliz por você.

— É... Eu nem tanto.

— Por quê?

— O e-mail foi enviado para a Astro. É questão de tempo até o Oscar

solicitar uma reunião para falar do que aconteceu.

— Isso é bem ruim mesmo. Provavelmente a Luiza será demitida e...

— Eu vou me entregar.

— O quê?

— Vou me entregar. Não posso deixar que ela leve a culpa.

Lucas ficou em silêncio, me olhando.

— Talvez eu que não mereça um final feliz, não é? - dei um sorriso falso, com lágrimas nos olhos.

— Mariana... - ele segurou minha mão.

— Lucas... Senhorita Vasconcelos... O Sr. Fischer está convocando todos para uma reunião. - Cristina avisou ao se aproximar de nós.

Eu e Lucas nos entreolhamos. Sabíamos exatamente o porquê daquilo. Respirei fundo.

Subimos pelo elevador até a sala de reuniões, mas antes de entrarmos, Cristina tocou o meu braço.

— Isso é sobre a senhora ter entrado na sala da Luiza naquela noite, não é? - ela perguntou, assustada.

— Não precisa se preocupar, senhora Brito. Você não teve nada a ver com aquilo.

— Mas eu estava lá.

— Eu não vi mais ninguém. - dei uma piscadela e sorri para ela, recebendo outro de volta.

— Obrigada.

Entramos e muita gente estava lá. Sentei em uma das únicas cadeiras vazias e, depois de muito tempo, Oscar entrou furioso.

— Não sei nem por onde começar, mas... Sabem o que vi logo cedo pela manhã? A nova linha de relógios da Montaleone sendo veiculada por todos os cantos. Isso não seria um problema, se não estivesse nas mãos da maior concorrente deles! - ele esbravejou. — A Astro está com a identidade visual da Khronos por completo, afirmando que é deles. O que aconteceu?

Todos cochichavam, tentando entender o que estava acontecendo.

— O Bernardo me ligou desesperado. Como isso pode ter acontecido? Eu quero uma explicação! Quem foi que nos traiu? Quem mandou a identidade para a Astro?

O silêncio era quase enlouquecedor.

— É óbvio que ninguém irá falar. Pois bem, enquanto estamos aqui em cima, o pessoal do TI está lá em baixo, analisando todos os computadores da

empresa. Se foi mandado daqui, saberemos.

Uma batida na porta tirou nossa atenção.

— Senhor, aqui está o resultado da investigação. - um rapaz entrou na sala, entregando um envelope laranja a Oscar.

— É a última chance para o culpado se pronunciar. Ninguém? Pois bem. - ele abriu o envelope e pareceu surpreso ao vê-lo. — Como... Não acredito... - ele ficou em silêncio por um instante, relendo o que tinha no papel. — Aqui está dizendo que um e-mail foi enviado na sexta-feira para a Astro do computador... de Luiza Alencar.

— O quê? Não, isso não é possível. - ela disse, assustada. — Eu nunca faria isso, Oscar. Tem que acreditar em mim.

O meu chefe suspirou, parecendo cansado.

— Quero que venha a minha sala e não demore muito. - ele falou ao levantar, de cabeça baixa. Seu semblante era de tristeza. Me doía vê-lo daquele jeito

Ao Oscar sair, Luiza soluçava, afirmando que não tinha sido ela.

Eu mordida os lábios, tentando tomar coragem de me entregar, quando procurei com o olhar por Lucas pela sala. Eu, com certeza tinha visto ele lá, mas aonde ele estava agora? Bem, não importava. Eu tinha que tomar coragem sozinha e ir falar a Oscar que tudo aquilo estava acontecendo por minha causa.

Levantei e segui pelo corredor até a sala dele. Bati na porta e o ouvi mandar que eu entrasse. Assim que o fiz, tive uma surpresa. Lucas estava sentado bem em frente à mesa de Oscar.

— O que faz aqui? - perguntei, curiosa.

— Vim me entregar.

— O quê?

— Vim dizer ao Oscar que eu mandei tudo sobre a Khronos para a Astro.

— Não, não. - me aproximei deles. — Ele está mentindo, Oscar. Eu que fiz tudo. Sozinha.

— Não, nada disso. Fui eu. - Lucas levantou, se colocando na minha frente. Parecia tentar me esconder do olhar de Oscar.

— O que está fazendo? Claro que fui eu.

— Ela com certeza deve ter batido a cabeça.

— Já chega! - Oscar falou, se colocando de pé. — Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

— Eu posso. - falei. — Não foi a Luiza que mandou tudo da Khronos para a

Astro. Fui eu.

Uma batida na porta nos interrompeu. Era a secretária de Oscar.

— Sr. Fischer, há um cliente lá em baixo que precisa muito falar com o senhor.

— Marque para depois.

— Ele insiste.

Oscar bufou, se levantando.

— Quando eu voltar, temos muito o que conversar. - ele nos olhou, furioso.

Ao me ver sozinha com Lucas, fui até ele, o encarando.

— O que diabos estava fazendo?! Ficou louco?

— Não, eu não fiquei e você acabou de estragar tudo.

— Eu estraguei tudo? O que queria que acontecesse? Que o Oscar te demitisse no meu lugar?

— Não. Ele não ia me demitir.

— Claro que ia! - comecei a andar pela sala, nervosa com toda aquela situação. — Por que você ia fazer isso?

— Não quero que perca a esperança. Me disse lá em baixo que não merece um final feliz, mas está errada.

O olhei e senti meus olhos marejados. Me aproximei novamente dele e toquei seu rosto.

— Você sempre foi tão bom comigo e eu fugi com medo... Você foi a coisa mais bonita que aconteceu na minha vida, Lucas.

Ele sorriu.

— Mas não posso deixar que leve a culpa disso.

— Não, não, não. - ele falou apressado. — Você não entende. Eu tenho que ser o culpado.

— Está louco! Não vou deixar isso acontecer. Estou apaixonada por você, Lucas. Não quero que se prejudique por mim. Acho que nunca senti nada disso por alguém e...

— Não. - ele me interrompeu.

— Hum... Falei algo errado?

— Não, não é isso. Estou explodindo por dentro de saber que está apaixonada por mim, afinal de contas eu sou louco por você. Mas é que... Preciso te contar algo.

— Então fala.

Lucas pegou minhas mãos, segurando firme.

— Eu me entreguei no seu lugar, porque... - ele soltou o ar pela boca. Nunca

vi Lucas daquele jeito. Sua expressão estava tensa e aflita. Ele respirou fundo. — Porque eu sou o filho do Oscar.

Soltei suas mãos, dando alguns passos para trás.

— O quê?

— Eu sabia que se eu assumisse a culpa, você estaria livre e o meu pai não iria me mandar embora porque sou o único filho dele. Tudo ficaria bem.

— Não consigo acreditar... - sussurrei.

— Mariana, me desculpa. Eu pensei em diversas vezes te falar, mas não consegui. - ele tentou me tocar.

— Não chega perto de mim! - me afastei, furiosa. — Como eu fui idiota! Tudo o que você falou... Esse papo de que não via só trevas dentro de mim, que eu não deveria seguir com o plano porque havia algo de bom em mim... Era tudo mentira!

— Não, Mariana!

— Você não queria me manter longe das minhas próprias trevas, você queria salvar a empresa do seu pai.

— Você entendeu tudo errado. Eu posso explicar.

— Não tem explicação! - esbravejei, sentindo meus olhos cheios de lágrima e raiva. — A verdade é que as pessoas usam as outras, enganam e machucam para depois jogar fora.

— Você está distorcendo tudo.

— Eu estou distorcendo? - dei uma risada irônica. — Agora eu entendo o porquê de você nem ao menos ter se abalado quando falei que te demitiria se não me ajudasse. Aposto que ri muito de mim durante todas essas semanas.

— Eu nunca ri de você, ok? - Lucas colocou as mãos na cintura. Parecia tentar achar as palavras certas. — Quando me chamou na sua sala pela primeira vez e disse o que pretendia fazer, eu realmente ia dizer ao meu pai. Só que resolvi ver até onde você iria com toda aquela loucura. Mas aí acabamos nos aproximando e eu pude te conhecer um pouco mais. Chegou um momento que a empresa não me importava mais, eu só queria te proteger de você mesma, porque me importo com você, Mariana.

— Já falei que não preciso de proteção e nem de ajuda.

Ficamos em silêncio por um instante.

— Olha... Eu sei que está chateada comigo e com toda razão. Mas você não pode dizer a ninguém que sou filho do Oscar.

Cerrei os olhos. Com certeza eu queria soca-lo.

— Não precisa se preocupar, Sr. Fischer. - desdenhei.

— Mariana... Não faz assim...

— Voltei. - Oscar falou ao entrar. — Sentem-se, por favor. Quem vai começar a explicar o que aconteceu?

— Eu. - falei. — Fui eu que mandei tudo da linha Khronos para a concorrente.

— Eu ajudei.

— Não, eu fiz tudo sozinha, Oscar.

— Mas eu sabia e não te falei nada, pai. Se vai puni-la, terá que fazer o mesmo comigo.

Oscar nos olhou confuso.

— Bem... Pelo que vejo, já sabe do meu parentesco com o Lucas. Desde quando?

— Hoje.

— Certo. Hum... Como sabe, porque eu te falei diversas vezes, o meu filho estava fora do país, fazendo faculdade e quero que ele assuma a empresa quando eu não estiver mais aqui. Para isso, preciso que ele conheça tudo isso aqui nos mínimos detalhes, por isso o coloquei como estagiário. Se as pessoas soubessem que Lucas é um Fischer, nunca o tratariam como um funcionário comum da empresa, você sabe disso.

— Sim.

— Por isso espero sua descrição, Mariana.

— Claro, Oscar.

— Certo. Então voltando ao nosso assunto... Preciso dizer que estou bastante surpreso com o seu comportamento, Mariana. Nunca esperava isso de você. Por que fez isso?

— Eu queria muito o cargo de diretora de arte e achava que a Luiza era uma ameaça para mim. Por isso a sabotei.

Oscar respirou fundo.

— Você é uma das melhores profissionais aqui e apesar do seu jeito um pouco frio, sabe lidar com as pessoas e liderar uma equipe, além de uma criatividade sem tamanho. Você tinha tudo o que eu precisava, Mariana.

— O que quer dizer com isso?

— Você seria a minha escolhida. A Luiza é uma profissional muito boa, mas para liderar uma equipe ainda falta um pouco de pulso firme.

— Está falando sério?

— Sim. Por várias vezes, enquanto vocês estavam no projeto da Khronos, eu a vi um pouco perdida e você tomando as rédeas da equipe.

— E o que vai fazer agora?

— Sabe que te considero como uma filha, não é?

— Sim. É recíproco.

— Pois bem, é por causa disso, e apenas por isso, que eu vou te dar um voto de confiança. Óbvio que não posso te escolher como diretora de arte depois do que fez, mas também não posso perder uma das melhores designers dessa empresa.

— Não vai me demitir?

— Não. Mas ficará afastada da empresa por algumas semanas. Espero que aprenda a lição.

— Já estou pagando pelo meu erro, Oscar. Mas muito obrigada. Não sei como agradecer pela oportunidade.

— Continuando a ser a ótima profissional que sempre foi e nunca mais fazendo o que fez hoje.

— E eu? - Lucas nos interrompeu. — Não posso ficar impune.

— Meu filho... Fiquei bem surpreso por você saber de algo dessa magnitude e não me dizer. Tem noção do que pode nos acontecer, não é?

— Sim, pai.

— Então, por ter feito parte disso, também vai ficar afastado, mas só por alguns dias. Preciso de você aqui.

— Tudo bem.

— Agora se me dão licença, preciso domar uma fera chamada Bernardo Montaleone.

— Claro. - falei ao me levantar. — Obrigada de novo e desculpe.

Ao sairmos da sala de Oscar, Lucas segurou meu braço.

— Podemos conversar?

— Não. - continuei andando em passadas pesadas.

— Por que você é assim tão... Ur! - ele bufou. — Desculpa, ok?! Não queria te machucar com tudo isso.

— Não precisa se preocupar. Eu já sou machucada por dentro, esqueceu?

— Acha que não me importo com você, é isso? - ele indagou, me seguindo.

— Claro que sim! - apertava freneticamente o botão para chamar o elevador até aquele andar.

— Se tem tanta certeza que não me importo com você, então porque acha que eu fui assumir a culpa de tudo? Eu poderia muito bem ter ido dizer a verdade, não acha? - ele segurou o meu braço, fazendo com que eu o olhasse.

— Não sei! Talvez quisesse se fazer de mocinho, afinal de contas eu sou a

vilã, não é? A Rainha Má, que todos odeiam e querem bem longe. – esbravejei, entrando no elevador. Lucas segurou a porta com as mãos.

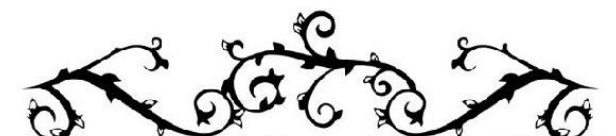
— Não precisa ser ela.

— Own... Como você é bonzinho. Já tinha esquecido. - ironizei. — Eu nunca deveria ter te dado abertura. Fiquei vulnerável e olha só o que aconteceu...

— Mariana...

— Lucas, por favor. Eu preciso ficar sozinha. Na verdade, nunca deveria ter deixado de ficar.

Mesmo não querendo, Lucas acabou soltando as portas do elevador e antes delas se fecharem, vi seus olhos marejados e sua expressão ficando triste.



Capítulo XVIII

Aquele mesmo sonho de todas as noites havia voltado, mas dessa vez aconteceu algo diferente. Não era a menina que estava no chão com medo e sim eu.

Segurava o urso roxo com toda a força, quando senti uma mãozinha no meu ombro. Levantei o olhar e era a garotinha.

— Não precisa mais ficar assim. - ela disse. — Você finalmente me salvou e a porta está aberta. Pode ir embora se quiser.

— Não sei se quero. O mundo lá fora não é muito melhor do que aqui dentro.

— Mas você é corajosa. Pode enfrenta-lo.

— Eu... tenho medo.

— Não precisa ter. - ela segurou minha mão, me levando para fora do quarto.

— Existem pessoas boas que podem te ajudar lá fora e se ainda estiver com medo, pode ficar com o urso.

Eu ri.

— Obrigada.

— Não, Mariana, eu que te agradeço. Finalmente perdoou quem nos feriu e agora tem a oportunidade de deixar toda aquela escuridão ir embora.

— Ela já faz parte de mim. Não tenho escolha.

— Está enganada e sabe disso. Agora vá.

Segurei a mão da menina e a abracei. Senti que aquele seria o nosso último encontro.

Acordei com a claridade entrando pela janela e me senti leve de um jeito que nunca havia ficado. Já haviam se passado as semanas de suspensão que Oscar havia me dado e hoje eu voltaria ao trabalho.

Estava na cozinha, preparando meu café da manhã, quando vi em cima da bancada o CD de Marvin Gaye que Lucas havia me dado.

— Desgraçado...

Peguei o CD com raiva e quando estava prestes a quebra-lo, não tive coragem. Ao contrário disso, coloquei para tocar. A primeira música era a que Lucas mais gostava, a que ele cantou no parque de diversão. Comecei a

rir, lembrando de Lucas como um louco naquela roda gigante, ficando em pé e cantando, como se fosse o dia mais feliz da sua vida.

De repente, um choro compulsivo saiu da minha boca. Tentava parar, mas era impossível. Me sentia mal e destruída. Eu o amava e por isso era mais doloroso, como nunca tinha sido antes.

A campainha tocou e eu me assustei. Enxuguei as lágrimas e fui até a porta. Ao abrir, me deparei com Paula bem na minha frente.

— O que faz aqui? - perguntei surpresa.

— Vim te ver. Não sei muito bem porque, mas senti que precisava de uma irmã velha. Posso entrar?

— Claro! - falei, abrindo mais a porta.

Quando voltei a fecha-la, senti meus olhos se encherem de lágrimas novamente.

— E então, você está bem? Não devia estar no trabalho? - ela perguntou e ao não obter resposta, voltou a olhar para mim. — O que foi, Mariana? Está chorando?

Fiz que sim com a cabeça.

Minha irmã veio até mim, me abraçando e o seu ato de carinho me fez chorar mais ainda.

— Vem aqui. - ela me puxou para a sala, sentado no sofá. — O que foi?

— Estou apaixonada.

— É aquele rapaz que te convenceu a falar comigo, não é? Percebi o olhar dele para você.

— É.

— E isso não é bom?

— Sim, se tudo estivesse dando certo.

— E o que houve de errado?

— Ele mentiu pra mim. O Lucas é filho do meu chefe, Paula. Ele mentiu pra mim sobre isso.

— Caramba, Mari.

— Eu pensava que ele era diferente, sabe... Por que dói tanto?

— Eu sinto muito, irmãzinha. - Paula me fez deitar a cabeça em seu colo e logo começou a mexer no meu cabelo. — A vida nem sempre é gentil.

— Não quero mais sentir isso.

— Vai demorar um pouquinho pra passar.

— Como você faz para esquecer?

— Hum... Não sei, Mari... Tento fazer coisas que gosto, escuto música...

Essas coisas... Pelo menos isso você já está. Essa música é muito boa. De quem é?

— Marvin Gaye. E... foi o Lucas que me deu o CD.

— Sério? - Paula fez uma careta. — Mas afinal, o que ele fez além de não te dizer isso? Tentou te chantagear ou te intimidar por ser o filho do chefe?

— Não. Na verdade, ele tentou me proteger do pai.

— Como assim?

— Eu fiz algumas coisas erradas na empresa... e ele tentou levar a culpa.

— Espera um pouco. - Paula se endireitou no sofá, fazendo com que eu sentasse e a olhasse. — Ele tentou levar a culpa do que você fez?

— Sim.

— Mariana!

— O quê?

— Ainda pergunta? O cara estava disposto a se indispor com o próprio pai para te livrar de algo errado que você fez e está com raiva dele?

— Mas ele mentiu pra mim.

— No mínimo para te proteger.

— Proteger do quê, Paula? De me tornar uma interesseira que só iria quere-lo se soubesse que ele era o filho do dono da empresa?

— Não! Na verdade, é totalmente o contrário. Talvez ele tivesse medo de você deixa-lo por ele ser o filho do dono.

— Mas isso não faz o menor sentido. Gosto dele pelo que ele é, não pela sua posição na empresa.

— Mari, pensa comigo. Se ele não gostasse de você, não teria tentado te proteger.

— Mas ele mentiu...

— Porque te ama, cabeça dura! Olha só, não estou querendo defender ele de ter te escondido isso, afinal, mentir não é legal. Mas ele só fez porque te ama.

— Acha mesmo?

— Claro, criatura! Eu vi nos olhos dele naquele dia. Era como se ele quisesse te abraçar e dizer que tudo ia ficar bem.

— Na verdade, era bem assim que me sentia ao lado dele. O Lucas me mudou, Paula. Me fez perceber que eu posso ser uma pessoa melhor e se esse for o meu desejo. Ele nunca impôs nada e sempre me aceitou do jeito que sou.

— Então o que você está esperando? Você o ama, ele te ama...

— Será que eu devo?

— Mari, não acha que já esperou tempo demais para encontrar alguém tão bacana assim?

Olhei para Paula e percebi que ela tinha razão.

— Você com certeza é a irmã mais velha. - a abracei com força. Podia ouvir sua risada.

— Agora vai logo se arrumar e trabalhar.

— Pode deixar.

Subi as escadas sorrindo, percebendo que algo estava prestes a mudar.



Assim que cheguei no escritório, percebi olhares diferentes sobre mim. Ao invés de temor nos olhos de todos, eu via desprezo. Com certeza as notícias sobre o que eu tinha feito com a linha Khronos já haviam circulado pelos corredores.

Abaixei a cabeça, como nunca havia feito antes e sai do elevador indo em direção a minha sala.

— Oi. - minha secretária se aproximou.

— Oi, Cristina. Não vai me tratar como todos eles?

— Claro que não e gostaria de dizer que fez a coisa certa, senhorita Vasconcelos.

— Não precisa me chamar assim mais, já falei. Só Mariana está ótimo.

— Tudo bem. Hum... Sempre soube que tinha um coração bom, Mariana e assumir a culpa do que fez só mostrou o quanto eu estava certa. Também gostaria de agradecer por não ter dito nada sobre eu ter estado com você na sala da Luiza.

— Não tem de quê. Obrigada por ter confiado em mim. - segurei sua mão.

— Posso te dar um abraço?

— Claro...

Cristina tinha idade para ser minha mãe e, de certa forma, sempre senti que, apesar do seu receio, tentava cuidar de mim como uma.

— Desculpe por ter sido tão dura e exigente com você em alguns momentos.

— Tudo bem, já passou.

Assim que nos afastamos, vi Luiza saindo da sua sala.

— Ai, droga. - virei de costas, tentando não ser vista.

— O quê?

— A Luiza.

— Por que não conversa com ela?

— Acho que não é uma boa ideia. Ela deve me odiar agora.
— Acho que vai ter que falar com ela.
— Não! Vou esperar que ela se distraia com algo e depois entro na minha sala.
— Acho que vai ter que falar com ela sim...
— Ela está vindo para cá, não é?
— Sim.
— Droga!
— Mariana. - Luiza disse atrás de mim.
Respirei fundo e fiquei de frente para ela.
— Oi, Luiza.
— Pode vir comigo até a minha sala?
— Hum... Claro.

A segui e ao entrar na sala, percebi que nunca tinha realmente prestado atenção nela. Todas as coisas que haviam lá eram tão... ela.
— O Oscar me disse que foi você que mandou a identidade da Khronos para a Astro.
— Não tem ideia do quanto me arrependo de ter feito e eu sinto muito por ter estragado o seu trabalho.
— Não era só meu, era nosso e de toda uma equipe. – Luiza parecia chateada.
— Mas... eu acredito em você, Mariana. Acredito no seu arrependimento.
— Sério?
— Sim e eu te chamei aqui para te agradecer. Se não tivesse assumido a culpa, provavelmente hoje eu não estaria mais aqui.
— Então me perdoou? É isso?
— Sim.
— Mas como? Eu te ferrei de um jeito horrível. Como pode ter sido tão fácil?
— Não foi fácil. Mas não me sentiria bem carregando esse sentimento comigo.

Comecei a andar pela sala, mordiscando minhas unhas.
— Posso te perguntar uma coisa? - ela disse.
— Sim.
— O que aconteceu entre nós? Éramos tão amigas e de repente... Se afastou de mim e se tornou uma pessoa fria.
— Não foi de repente.
— Então me diz o que eu te fiz. Se te machucou tanto, quero me desculpar.

Em outros tempos, todas essas palavras ditas por Luiza me fariam

revirar os olhos em tédio, mas agora eu sentia sinceridade.

— Eu tinha inveja de você quando estudávamos juntas. As pessoas te tratavam tão bem... E lembra daquele seu namorado da faculdade?

— Sim. Ele era seu amigo.

— Eu era apaixonada por ele.

— O quê? E porque nunca me disse?

— Pra quê? - falei, sentindo minha voz embargar.

— Eu sinto muito, Mariana. Não sabia.

— É engraçado porque hoje, em algum lugar dentro do meu coração, eu sei que o meu afastamento também foi alimentado por ciúmes.

— Dele?

— Não, de você. Afinal, nós éramos amigas. — soltei o ar pela boca. — Acho que tive medo de me sentir só e acabei fazendo isso por conta própria, colocando uma armadura em mim e me prometendo de nunca mais deixar que ninguém me machucasse.

— Sinto muito. Se você tivesse dito...

— Tudo bem, Luiza. Já passou.

— Então isso quer dizer que podemos começar do zero?

— Acho que sim.

Luiza se aproximou, me abraçando.

— Senti muito a sua falta.

Sorri ouvindo aquilo.

— E o Bernardo, como está?

— Bem. Não precisa se preocupar. Já demos um jeito em tudo.

— Isso é muito bom de se ouvir.

— É sim.

— E vocês dois...?

— Estamos indo bem. - ela disse, um pouco sem jeito. — Ele é um homem maravilhoso.

— Ele é sim. Vocês merecem ficar juntos.

— Obrigada.

— Eu preciso ir agora. Acho que tenho muito trabalho pela frente.

— Pode ter certeza que sim. Você foi bastante requisitada durante as semanas que ficou fora. As pessoas sabem que você é uma excelente profissional.

— Obrigada. — senti minhas bochechas enrubescerem. Faziam anos que não sentia isso. — Então... tchau.

— Mariana, quer tomar um café comigo depois do trabalho? Acho que

preciso de uma amiga para conversar.

— Hum... Eu vou adorar.

— Então até mais.

— Até.

Ao sair da sala, sorrindo e pensando que há algum tempo atrás nunca teria uma conversa dessas com Luiza, vi Lucas perto da impressora. Parecia cansado, mas ainda assim firme na tarefa que havia sido dada a ele.

Quando finalmente me viu, algo no rosto dele acendeu. Parecia nervoso, feliz e cauteloso ao mesmo tempo. De longe ele balbuciou um oi e acenou com a mão, parecia em dúvida se eu iria responder. Eu então retribuí o aceno de mão e dei um meio sorriso. Também estava nervosa, afinal, muitas coisas precisavam ser ditas.

Fui direto para a minha sala e assim que toquei o trinco, percebi Cristina me olhando e sorrindo. Ao abrir a porta, me deparei com um buquê de lírios na minha mesa. Eram simplesmente lindos. Fui até as flores e seu cheiro era tão bom! Também encontrei um cartão junto a elas. Ao abrir, imediatamente li.

"Se você precisar de mim, me chame. Não importa onde você esteja, não importa a distância. Apenas chame meu nome. Estarei lá depressa, não tem que se preocupar. - Lucas Muniz F."

— A música do Marvin Gaye... - sorri sozinha.

No mesmo instante que acabei de ler, ouvi passos atrás de mim e senti o aroma de um perfume amadeirado, com notas de sândalo misturado. Aquele cheiro era tão bom que me causava arrepios, por isso eu sabia exatamente quem estava ali.

— Já fiz muitas coisas estúpidas nessa vida e ainda estou longe de ser uma pessoa boa, isso é um fato. Mas ainda assim eu te encontro ao meu lado. - falei.

— O que eu posso fazer? Acho que fui enfeitiçado. Provavelmente por uma maçã.

Um riso escapou da minha boca.

— Juro que não te entendo, Lucas. — fiquei de frente para ele. — Há várias mulheres bonitas e interessantes nesse escritório e você se interessa logo por mim, que sou essa bagunça por dentro, mas ainda assim você parece me querer. Por quê?

— Eu não sei. Eu realmente não sei. Mas isso importa? Mariana, eu podia simplesmente desistir de você, tentar esquecer de tudo, mas é impossível. O

que estou quero dizer é que só ficar perto de você não é mais o suficiente. Eu quero estar com você, quero te beijar... – ele se aproximou em passos lentos. — E não adianta você tentar estragar tudo, porque não vai conseguir. Não me importo se você acha que não combinamos ou que acha que pode me fazer mal. Eu vou continuar lutando por você...

— Não precisa mais. Acho que finalmente me rendi.

— Espera. Está falando sério?

— Sim.

Lucas abriu o maior sorriso que poderia dar, vindo até mim, me tirando do chão e me abraçando forte.

— Não tem ideia do quão feliz está me fazendo agora. Pensei que nunca me perdoaria.

— E como eu poderia ficar sem você, Lucas? Você está me fazendo ser uma pessoa melhor. - passei minhas mãos pelo seu rosto. — Só tenho medo de esquecer de tudo e voltar a ser aquela pessoa.

— Você ainda não entendeu... Eu nunca vou te deixar esquecer de quem está se tornando e mesmo que em algum dia se sinta estranha, eu estarei aqui para te apoiar, ok? Estamos juntos nessa. Você não tem que fazer isso sozinha. Nunca mais.

Lucas segurou minha mão e plantou um beijo delicado nela.

— Obrigada por me dar uma chance. Eu sei que não é fácil ter uma pessoa como eu do lado, mas espero fazer valer a pena.

— Está brincando? Eu que agradeço por ter me aceitado ao seu lado. Vou cuidar de você, Mariana. Eu prometo

Ele então colocou meu cabelo curto e negro atrás da minha orelha e passou sua mão pelo meu pescoço. Nossos lábios se aproximaram e eu já podia senti-los, quando Cristina entrou.

— Ai meu Deus! Desculpem, me desculpem! Só vim deixar o café. Por favor, continuem. — Cristina nos olhava sorrindo e piscou para nós ao fechar a porta.

Quando olhei para Lucas, ele sorria.

— Ela foi a primeira a perceber que eu estava apaixonado por você.

— Jura?

— Sim. Mas... acho que estávamos prestes a fazer alguma coisa. Onde paramos mesmo?

Eu ri e me aproximei novamente dele. Nos beijamos e a delicadeza e ousadia de Lucas eram perfeitas. Eu o amava e agora sabia que isso não me

fazia fraca, muito pelo contrário. Toda a escuridão que existia em mim parecia ter se dissipado e a luz que existia em Lucas talvez estivesse irradiando em mim.

Ao afastarmos nossos lábios, continuei abraçada a ele. Os seus braços largos eram aconchegantes e ser envolvida por eles era como estar no paraíso.

— Acha que mereço um final feliz? - perguntei.

— Todos merecem. Só é preciso ir em busca dele do jeito certo.

— Pode me ajudar com isso?

Lucas me fez olhar em seus olhos e os seus brilhavam como nunca.

— Claro! Vamos em busca dele juntos. Mas, dessa vez eu te ajudo e você me ajuda. Fechado?

Nós rimos.

— Fechado.